



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE BACABAL - CCBA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS DE BACABAL - CCLB
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS

CAIO VINÍCIUS COSTA BRITO

NOVO OLHAR SOBRE O CORPO GAY: A representação da homossexualidade na
velhice

Bacabal - MA
2025

CAIO VINÍCIUS COSTA BRITO

NOVO OLHAR SOBRE O CORPO GAY: A representação da homossexualidade na
velhice

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Letras - Português, do
Centro de Ciências de Bacabal (CCBa), da
Universidade Federal do Maranhão como requisito
parcial para a obtenção do título de graduado em
Letras/Português.

Orientador: Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira.

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Vinicius, Caio.

NOVO OLHAR SOBRE O CORPO GAY : a representação da
homossexualidade na velhice / Caio Vinicius. - 2025.
73 p.

Orientador(a): Rubenil da Silva Oliveira.

Monografia (Graduação) - Curso de Letras - Português,
Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2025.

1. Literatura. 2. Homoafetividade. 3. Velhice. 4.
Silenciamento. 5. Resistência. I. da Silva Oliveira,
Rubenil. II. Título.

CAIO VINÍCIUS COSTA BRITO

NOVOS OLHARES SOBRE O CORPO GAY: As representações da homossexualidade na velhice

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras - Português, do Centro de Ciências de Bacabal (CCBa), da Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Letras/Português.

Aprovada em: ____/____/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira (UFMA)
Orientador

Prof.^a Dr.^a Renata Cristina da Cunha (UESPI)
1^a Examinadora

Prof.^a Dr.^a Andressa de Jesus Araújo Ramos (UEMA)
2^a Examinadora

Em primeiro lugar, dedico este trabalho a uma parte da minha família (em especial a minha mãe, a minha irmã e a minha tia) e amigos/colegas que fizeram parte dessa trajetória acadêmica. Ainda em primeiríssimo lugar, se assim possível, dedico todo meu esforço e dedicação a aquele que antes de me conduzir na construção deste trabalho despertou em mim o forte desejo e o interesse pela literatura *queer*, o sr. Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira. E, principalmente, a Alex Rabello que me trouxe muito axé e apoio acadêmico.

Aceito a solidão que me impões.
Senhor, embora não a compreenda
nem a creia justa ou merecida.
Ainda assim, aceito essas manhãs sem gosto
em minha boca seca,
e também as noites sem ninguém
com seus sonhos de treva e medo.
O telefone calado, a campainha muda
Ninguém pensa em mim pela cidade imensa.
Faço faxinas pela casa
e limpo meu corpo metodicamente
como se amanhã fosse outro dia
e não a continuação deste mesmo
de hoje, de ontem, e mais além.
Tenho pena de mim que habito
este país deserto
tenho pena de ter inventado tudo isso
como uma rede. E ainda assim aceito,
Senhor, saturnos, quadraturas,
sinais indecifráveis para meus olhos cansados
de tantos símbolos
Mas limpo a casa, faço a cama
compro rosas que espalho pelos cantos,
escrevo maus poemas, como este,
que me embalam distraído
das durezas que me impões a cada dia.
Submisso ou covarde, aceito, aceito.
Durmo sozinho sempre.
E amanhã, recomeço.
(Caio Fernando Abreu)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Força divina e aos Orixás que me proporcionaram essa oportunidade que me era até então um sonho.

Reconheço também a luta ferrenha e incansável das minhas divinas divas da comunidade LGBT, a Xica Manicôngo, a Marsha P. Jhonson, a Brenda Lee entre tantas outras, cito as transexuais por serem uma das primeiras a se destacarem na luta pela igualdade de gênero/identidade e direitos humanos para que hoje me fosse possível escrever sobre protagonistas homoafetivos velhos.

Aos meus professores queridos que me incentivaram no ensino da escrita, sejam eles da literatura ou linguística, também os agradeço, primeiramente, prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira, prof^a. Dr^a. Valnecy, prof. Dr. Wendel Santos, prof^a Dr^a Lucélia Almeida etc.

Às professoras, Dr.^a Renata Cristina da Cunha e Dr.^a Andressa de Jesus Araújo Ramos por, gentilmente, aceitarem o nosso convite para participar desta banca e serem as primeiras leitoras da pesquisa ora apresentada.

Aos meus amigos da turma acadêmica de Letras, Gabriela da Silva, José Gierbson, Yara Leite, sou muito grato por cada voto de confiança.

Novamente, da dedicatória para os agradecimentos não poderia deixar de mencionar Alex Rabello a quem devo parte das madrugadas de sono dialogando para aliviar a ansiedade. E, por fim, tudo isso se fez de forma tão lírica e intensa que nada mais que as palavras para tornar-me um só poema a ser lido e reescrito.

RESUMO

Esta monografia busca descrever e discutir acerca dos corpos homoafetivos velhos da nossa literatura queer e todo o contexto sócio-histórico que os discrimina. Assim, analisar como esses sujeitos se identificam ou reconhecem-se como gays/lésbicas velhos(as), seus comportamentos afetivo-sexuais, a causa da solidão desses anciãos que consequentemente os tornam invisíveis para a comunidade LGBT e a sociedade como todo, compreender também como que o patriarcalismo ainda pode ser fundamental a ponto de fazer com que casais de lésbicas silenciem seus relacionamentos na velhice diante da família. A aversão dirigida a um(a) homossexual idoso(a) não se principia em nosso presente século, eles já são alvos de censura há séculos. Além disso, esse trabalho tem por objetivo inspecionar as obras literárias que em si trazem o homossexual velho e a lésbica idosa como protagonistas das narrativas, importa estudar os dois sujeitos sociais para entender suas relações. É perceptível, que a fração da sociedade passe agora a envelhecer e a maior da metade são indivíduos da comunidade LGBTQIA+. E, neste caso, o gay idoso tende a sofrer preconceito em dose dupla, etarismo e homofobia. Uma das metodologias selecionadas e aplicadas para a desenvoltura dessa então pesquisa que possibilitou alcançar dados significativos, portanto, são bibliográficas e qualitativas. E como objeto de pesquisa foi preferido três contos das grandes obras de nossos autores brasileiros; *O Amigo do Meu Tio*, de João Silvério Trevisan (1976); *Marília acorda*, de Natália Borges Polesso (2015) e *Ela Desatinou*, de Vagner Amaro (2019). enfim, discutir a velhice antes de passar a tratar dessa a respeito da abordagem relacionada ao sujeito homoafetivo/lésbico, é considerá-la, em suma, como um fenômeno natural e expressivo da biologia já o que é mal pressuposto pela sociedade é os atravessamentos psicológicos e sociais (Santos et al. 2016), esse não reconhecimento do sentimento, desejo e vontade do(a) homoidoso(a).

Palavras-chave: Literatura; Velhice; Homoafetividade; Silenciamento e Resistência.

ABSTRACT

This monograph seeks to describe and discuss old homoaffective bodies in our queer literature and the entire socio-historical context that discriminates against them. Thus, to analyze how these subjects identify or recognize themselves as old gays/lesbians, their affective-sexual behaviors, the cause of the loneliness of these elders that consequently makes them invisible to the LGBT community and society as a whole, to also understand how patriarchy can still be fundamental to the point of making lesbian couples silence their relationships in old age in front of the family. The aversion directed at elderly homosexuals did not begin in the present century, they have been targets of censorship for centuries. In addition, the aim of this work is to inspect literary works that feature the elderly homosexual and the elderly lesbian as the protagonists of the narratives; it is important to study both social subjects in order to understand their relationships. It is noticeable that a fraction of society is now aging, and the largest half are individuals from the LGBTQIA+ community. And in this case, the elderly gay man tends to suffer prejudice in double doses: ageism and homophobia. One of the methodologies selected and applied for the development of this research, which made it possible to obtain significant data, is bibliographical and qualitative. And as the object of research, three short stories were chosen from the great works of our Brazilian authors: *O Amigo do Meu Tio*, by João Silvério Trevisan (1976); *Marília Acorda*, by Natália Borges Polesso (2015) and *Ela Desatinou*, by Vagner Amaro (2019). In short, to discuss old age before going on to deal with it in relation to the approach related to the homosexual/lesbian subject, is to consider it, in short, as a natural phenomenon and expressive of biology since what is poorly presupposed by society is the psychological and social crossings (Santos et al. 2016), this non-recognition of the feeling, desire and will of the homosexual.

Key-words: Literature; Old age; Homoaffectivity and Lesbianity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A HOMOSSEXUALIDADE NA VELHICE: notas e críticas.....	14
1.1 Invisibilidade e resistência da velhice LGBTQIAPN+.....	19
1.2 Velhice homossexual? A sexualidade do homoidoso na literatura.....	23
2 ESTEREÓTIPOS DA VELHICE DE HOMOSSEXUAIS NA LITERATURA.....	29
2.1 A performance do gay idoso na historiografia da literatura.....	34
2.2 Performances da solidão da velhice LGBTQIAPN+ na literatura.....	39
3 CARTOGRAFIAS DA VELHICE HOMOSSEXUAL: uma leitura de três contos à luz dos estudos culturais.....	45
3.1 Velhice e homossexualidade-silenciada em “Ela desatinou”	46
3.2 “Marília acorda”: A representação lésbica idosa.....	51
3.3 “O amigo do meu tio”: O desejo de ‘arrombar’ o armário na velhice.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	64

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as representações gays na velhice, assim, olhar novamente para um “novo” corpo gay, esse corpo transgressor que tinha sido silenciado e invisibilizado, todavia, agora, ousa ser representado na literatura contemporânea. Na literatura, que é a nossa área de estudos encontramos apenas o artigo “Representações da sexualidade na velhice LGBTQIAP+” (2021), de Andressa de Jesus Araujo Ramos e Rubenil da Silva Oliveira, no qual abordam a velhice nos contos “Marília acorda”, de Natália Borges Polezzo e “Ela desatinou”, de Vagner Amaro.

O interesse em estudar sobre a homossexualidade na velhice se desencadeou a partir da leitura dos contos “Marília acorda” da obra **Amora** (2015), de Natália Borges Polezzo e “Ela desatinou” de Vagner Amaro (2019), nos quais, o descaso contra gays/lésbicas idosos são narrados, mas que são poucos explorados em trabalhos acadêmicos. Ademais, para a continuidade da pesquisa e escrita de toda a atividade acadêmica tivemos o apoio da bolsa de pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC) financiada pela FAPEMA durante um ano tendo seu início em outubro de 2023 e encerrada em 2024. Além de maior efetividade das leituras sobre a temática, obtivemos com êxito um Plano de trabalho que tinha por título “HOMOAfetividade e Direitos Humanos na Literatura”, o mesmo desenvolvido sob a orientação do Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira.

Ainda assim, é provocativo discutir acerca da representatividade da velhice na literatura, pois quantos dos autores/escritores brasileiros que hoje conhecemos, como Natália Borges Polezzo aborda a velhice feminina; Vagner Amaro, com seus contos traz pessoas comuns e com elas suas situações do cotidiano pensando a velhice? Além desses, quantos outros, hoje, estão narrando a respeito da homossexualidade na velhice? Visto que o corpo que parece interessar mais ao público leitor seria decerto o padronizado, jovem e perfeitamente robusto.

Todos os nossos escritores da literatura e teóricos, como Beauvoir (1979); Debert (2012) e Simões (1998), ao falarem sobre velhice a tratam como fase significativa da memória do passado, daquilo que se foi, pois não haveria sentido pensar mais no presente/futuro já que esses estão sempre nos alcançando simultaneamente, muito embora alguns aceitem ou não, pois a velhice é a etapa em que “deve ter-se consciência dos próprios limites” (Borges, 1970, p. 158). Quanto a memória, Marquez (2003, p. 3) diz que “até a adolescência, a memória tem mais

interesse no futuro que no passado (...). Assim para o sujeito idoso “o presente vivo está dilacerado entre um passado que ele retorna e um porvir que projeta.” (Merleau –Ponty, 1994, p. 447).

Ressaltamos que há estudos sobre a velhice, entretanto, se a interseccionalizarmos e como outro polo mencionar a população LGBTQIAPN+ veremos afunilar a discussão e, assim, a escassez de pesquisas, uma vez que o corpo desviante para a heteronormatividade continua um tabu. Todavia, se considerarmos apenas as representações juvenis ou entre adultos jovens constataremos que são muitos os trabalhos já publicados sobre a literatura gay produzida na última década por autores como Felipe Cabral - **O primeiro beijo de Romeu** (2021); Alice Oseman (2021; 2023) - **Heartstopper**; Vinícius Fernandes (2022) - **Não quero ser como você**. Por outro lado, a homossexualidade para idosos se torna severa e gravemente silenciada para ser vivida em uma sociedade etarista e homofóbica e isso vem expresso na literatura, exceto, Vagner Amaro, Natália Borges Polezzo, Stênio Gardel que têm ainda que menor número criado personagens gays idosos.

Também é conveniente lembrar que a discussão sobre as representações do homoafetivo idoso não é tão nova assim, pois desde os anos 1970, os escritores João Silvério Trevisan, Autran Dourado, Rubem Fonseca, Caio Fernando Abreu, Éle Semog, Miriam Alves e Silviano Santiago já fizeram isso antes de chegarmos aos citados no parágrafo anterior. Entretanto, esses autores estavam envoltos de uma atmosfera de silêncio, pois eles foram reconhecidos pelo conjunto de suas obras e, as de temática gay (Debert & Pulhez, 2019) permaneciam tabu e pouco lidas, posto que é somente com o florescimento da abordagem dos estudos culturais e pós-processo de redemocratização política que esses autores ganharam alguma visibilidade.

Por sua vez, considerando que se queria um estudo analítico, foram priorizados três contos da literatura contemporânea, considerando um precursor e dois da última década - “O amigo do meu tio” (1976), de João Silvério Trevisan; “Marília acorda” (2015), de Natália Borges Polezzo e “Ela desatinou”, de Vagner Amaro. Após a seleção dos contos como corpus analítico da pesquisa chegamos à definição da pergunta-problema: Que representações da velhice LGBTQIAPN+ são tecidas nos contos - “O amigo do meu tio” (1976), de João Silvério Trevisan; “Marília acorda” (2015), de Natália Borges Polezzo e “Ela desatinou”, de Vagner Amaro? De que formas esses corpos são excluídos da nossa sociedade?

Decerto, o objeto de investigação ainda é pouco explorado, assim, julgamos que seria conveniente trabalhar a interseccionalidade homossexualidade e velhice na literatura brasileira contemporânea, uma vez que em outras épocas não teríamos um corpus. Por outro lado, acredita-se que mesmo em um Trabalho de Conclusão de Curso da graduação é interessante

não apenas repetir o que outros já fizeram, mas traçar um caminho próprio, procurar um objeto e corpus que satisfaçam a curiosidade do pesquisador iniciante, embora isso pareça audacioso. Desse modo, a primeira justificativa é a acadêmica, pois entende-se que a lacuna deixada pela escassez de obras literárias e a fortuna crítica das obras que trazem personagens homossexuais de meia-idade/ idosos. Já a social diz respeito à necessidade de reflexão e entendimento sobre as representações da pessoa idosa, uma vez que o Brasil tem se tornado um País de velhos e é necessário falar desse segmento populacional (Cevasco, 2003). Quanto a isso, “o foco não é mais a conciliação de todos nem a luta por uma cultura em comum, mas as disputas entre as diferentes identidades nacionais, étnicas, sexuais ou regionais.” (Cevasco, 2003, p. 24).

Trevisan (1976), na antologia de contos **Testamento de Jônatas deixado a David**, apresenta-nos o conto “O amigo do meu tio”, no qual narra a vida de dois senhores, amigos desde a universidade, Zépaulo e Luizinho. Zepaulo, por mais que ame a Luizinho, não se permite ceder ao amigo quando jovem nem mesmo depois de velhos certamente por serem casados. Contudo, busca resistir a fusão de tal sentimento com base na desculpa heterocisnormativa de que não seria adequado, o que para Luizinho não mais importa pois viveu a vida toda reprimindo sua sexualidade e tenta reaver essa parte que perdeu quando velho demonstrando que o indivíduo sabe sobre sua identidade, mas opta por camuflá-la para sobreviver.

Em **Amora** (2015), Natália Borges Polesso escreve além de seus outros dois contos – “As tias” e “Vó, a senhora é lésbica?” – uma outra narrativa, “Marília acorda” a respeito de duas senhoras que convivem juntas desde muito tempo até envelhecerem e, que, ao alcançarem tal fase da vida se veem diante de um novo contexto no relacionamento e na vida em sociedade. A marca da velhice de Marília e sua companheira é vista como o silêncio de um segredo ensurdecedor, duas velhas estranhas que moram juntas. Outras peripécias que marcam a obra é a preocupação tanto com a manifestação afetiva-sexual aos olhos da sociedade quanto o medo da solidão.

O conto de Amaro (2019) “Ela desatinou” apesar de ter como protagonista Denis(e) narra também o conflito de um senhor de idade – Olímpio – em se desprender do armário heteronormativo em que se permitiu viver durante anos. Somente depois de casar, ter filhos e netos, buscou recuperar uma parte de si que sempre esteve ali, a sua homoafetividade, com a ajuda de Denise com quem tem uma relação afetiva e não sexual, Olímpio, por sua vez, por ser rico, tornou-se o meio de progressão social de Denise. Apesar de tê-la como sua amante, a família não se convenceu de tal comportamento, uma vez que a apresentava como sua

secretária, se Denise era mesmo uma mulher, e decidem, portanto, interditar Olímpio e prendê-lo num asilo.

Em se tratando dos objetivos pretendidos nesta investigação, o objetivo geral foi analisar as representações da velhice LGTQIAPN+ nos contos “O amigo do meu tio” (1976), de João Silvério Trevisan; “Marília acorda” (2015), de Natália Borges Polezzo e “Ela desatinou”, de Vagner Amaro, sob a perspectiva da abordagem dos estudos literários. Quanto aos objetivos específicos, temos - identificar os estereótipos gays da pessoa idosa nos contos “O amigo do meu tio” (1976), de João Silvério Trevisan; “Marília acorda” (2015), de Natália Borges Polezzo e “Ela desatinou”, de Vagner Amaro; investigar as representações do processo de envelhecimento na contística brasileira contemporânea e; discutir o envelhecimento da população LGTQIAP+ a partir dos contos analisados sob a perspectiva da abordagem dos estudos culturais.

Para atingir os objetivos propostos, a investigação seguiu os preceitos da pesquisa do tipo bibliográfica e, em conformidade com a abordagem qualitativa de pesquisa, pois não se quer quantificar, mas analisar as representações da velhice de corpos LGTQIAP+ na cena literária. Neste sentido, primeiro usamos a expressão velhice gay nos repositórios de consulta e outras bases de dados como Google Acadêmico, Scielo e outros. E por fim para o fortalecimento científico alguns dos autores que foram necessários com suas obras e teorias queers para nos embasarmos são, primeiramente, Hall (2006); Miskolci (2011); Woolf (2014); Nery (2019) e Foucault (2022), entre outros.

No primeiro capítulo há abordagem e discussão teórica sobre como a homossexualidade de homens/mulheres idosos é interpretada/vista socialmente. No segundo, discute-se com embasamento sócio-histórico e algumas obras literárias acerca de estereótipos construídos referentes ao corpo velho e homoafetivo, além de ressaltar a resistência da comunidade LGBT para se inserir na literatura, tratamos, portanto, da necessidade de uma escrita literária sobre esse corpo gay velho. Por fim, o terceiro capítulo trata da análise de três contos - “Ela desatinou”, de Vagner Amaro, “Marília acorda”, de Natália Borges Polezzo e “O amigo do meu tio”, de João Silvério Trevisan, nos quais sugere-se que as personagens protagonistas são gays/lésbicas, além de já estarem na velhice. Além destes capítulos do desenvolvimento temos a Introdução e as Considerações finais que completam o trabalho.

1 A HOMOSSEXUALIDADE NA VELHICE: notas e críticas

De início, soa estranho o título, pois a homossexualidade ainda está em busca de aceitação da sociedade não deixou de ser malquista nos dias hodiernos, sobretudo se o sujeito gay é velho, nisto se nota que há uma série de olhares se ele é idoso e homossexual. Por sua vez, observa-se que essas posturas levam o ser a um estado de isolamento (assim visto de modo pejorativo), ou até mesmo aquele que se encontra no ‘armário’ (dito, encubado), e que foi fortemente reprimido pelo poder heteronormativo que se escondeu por durante anos de sua juventude.

O estudo da homossexualidade na velhice é um tema ascendente na literatura LGBTQIAPN+ (Barcellos, 2006), e abordar essa temática diante de uma sociedade ainda preconceituosa e desrespeitosa é um trabalho árduo. Todavia, o indivíduo velho gay está cercado por uma série de conflitos consigo, os quais decorrem da forma como a sociedade enxerga e se dirige a esse sujeito o tratando como se fosse um inválido e agindo dessa maneira com atitudes repulsivas como o capacitismo, também, implantando o discurso de que o corpo velho é nojento, debilitado e fraco.

Esse enlace da homossexualidade e velhice do sujeito o torna-o ainda mais infringido, desrespeitado, isto por a homossexualidade ser considerada pecado e o sujeito de corpo envelhecido, um imundo, fazendo surgir a dualidade do ser. Porém, a sociedade se scandaliza com o fato desse velho homossexual se relacionar com uma pessoa do mesmo sexo e da mesma idade, porque em discurso etarista, “Ah, é meio estranho” ou “é esquisito”. Outro discurso reproduzido atrelado a este, é a ideia de que o corpo gay jamais poderia ser aceito por não reproduzir, ainda mais velho, para a continuidade da produção de lucros e afins, que enriquece a minoria da classe que constitui o poder. Além disso, a homossexualidade era até os anos 1980, um distúrbio mental, o sujeito gay um insano; o homossexual, porém, seria aquele que não foi agraciado com o corpo divino e passa a ser um transgressor desviante.

De outro modo, essas abordagens acerca do idoso gay e as causas de seu apagamento ainda são pouco trabalhadas ou representadas nos nossos meios de comunicação e nas artes.

Desde um filme a leitura de um romance, pouco se vê a presença de personagens homossexuais idosos, porque, a ideia de aceitação desse gay parte da concepção pejorativa de somente pelo fato dele ter um corpo suntuoso (malhado e atraente), um bom emprego, uma aparência excepcional, desvaloriza os outros sujeitos que se tornaram velhos. De antemão, uma das imagens que foram conjecturadas e ensinadas a respeito do homossexual seria a de que esse não passa de um “pervertido” e “imoral”, sem “decoro”, um difamador da moral (Henning, 2013). Sendo assim, se o indivíduo gay ainda jovem é designado nesses termos, imagina o idoso homoafetivo que é insultado mais do que antes por novas atribuições, “bicha velha”, “bichas mariconas”, “bichas caquéticas”, “cacuras”, entre outros.

Primeiramente, conforme a metáfora de Hunt (1999) entre luz e escuridão, os gays idosos desse século, outrora vivenciaram a repressão e opressão familiar, social, e, principalmente, religiosa, fazendo com que eles voltassem ao armário. Todavia, hoje, a comunidade LGBTIAPN+ está regredindo à escuridão ao envelhecerem, muitos deles se isolam por considerarem a si próprios sem nenhum peso e importância para a sociedade, não porque quiserem, mas porque foram ensinados a punirem seus corpos, isolando-os.

Um outro ponto relevante acerca da velhice do sujeito gay é em relação ao que a sociedade se questiona muito, se esse corpo continuará em uma vida sexual ativa, usufruindo do prazer erótico, fortalecendo a imagem do gay velho enquanto depravado, degenerado e/ou viciado em prazeres carnavais. Esse olhar encontra materialidade na ideia de que o corpo velho era repulsivo, sem a força vitalícia da vida; tesão, sentimento e demais outros fatores da juventude, não se igualando ao declarado no poema “pensei entrar na velhice/ por inteiro/ como um barco ou um cavalo/ Mas me surpreendo/jovem, velha e madura/ ao mesmo tempo” (Colasanti, 1994, p.106).

Há entre os corpos do sujeito uma estratificação entre o que é belo e o que não é estabelecido por uma heteronormatividade que define o padrão do corpo, inclusive o silenciamento de outros corpos, assim, indagamos - qual a representação de um corpo homossexual idoso? Nisto, admite-se que “É no campo relacional que se estabelecem os limites entre juventude e velhice (...) Pensar-se a si próprio é, na velhice, um duplo exercício, pois à medida que o sujeito se define, o faz por contraste com o outro” (Ferreira, 1996, p.429).

Em conformidade com o excerto anterior admite-se que um corpo velho não significa a deterioração, o adoecimento, pode ser a manutenção da juventude dentro de si, assim “a velhice nunca é um fato total. Ninguém se sente velho em todas as situações” (Debert, 1988, p. 62). Neste sentido, nomear, portanto, a Terceira Idade “significa mais a negação do envelhecimento do que uma etapa entre a idade madura e a velhice propriamente dita” (Lenoir, 1996, p. 65).

Isso, entretanto, é um estilhaço do paternalismo fincado no meio social que dividiu a sociedade em idade/geração, sexo/gênero, pois faz nascer problemáticas como o etarismo, e essa estratificação refletiu na heterogeneidade das identidades. Vale ressaltar que “também produziu gênero e idade como um conjunto mais ou menos heterogêneo que comporta práticas discursivas e/ ou não discursivas de objetivação, através de controle, normatização e regulação das subjetividades.” (Pocahy, 2011, p.196).

Todo o tipo de interdito, repressão e silenciamento é proveniente do que podemos chamar de dispositivo; e por mais que esse possa ser positivo, segundo a concepção foucaultiana seria também negativo por favorecer interesses do poder heterogêneo para enfim se fortalecer e firmar-se continuamente. Ou seja, o dispositivo é esse poder central do homem em tentar controlar, conservar seus ideais e regular os sujeitos de um determinado grupo social com relação as suas práticas e relações, porque a velhice, portanto, estaria subjugada de algum modo a esse dispositivo.

Em vista disso, o dispositivo submete a vida de homossexuais velhos que se intersecciona com outras da comunidade LGBTQIAPN+. Interseccional, porque “a interseccionalidade... busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (Crenshaw, 2002, p. 177). E é exatamente isso que o dispositivo desencadeia em um setor social de acordo com a teoria de Foucault (1979, p. 244), pois “o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos”.

Para Debert (1988, p. 18) a velhice desde muito tempo é vista como “algo irreversível e desfavorável – um declínio”, que se acreditou que pudesse ser adiada e/ou evitada numa sociedade que altamente performa a estética juvenil com o propósito de garantir a permanência da pujança e erradicar o termo e o parecer velho. Desse modo, “não se falará de envelhecimento enquanto as deficiências permanecerem esporádicas e forem facilmente contornadas” (Debert, 1988, p.19). Afinal, “quando adquirem importância e se tornam irremediáveis, então o corpo fica frágil e mais ou menos impotente: pode-se dizer, sem equívoco que ele declina”. (Idem, p. 19).

Nesse viés, muitos dos sujeitos são negligentes quanto ao processo de envelhecimento do corpo que ocorre de modo natural. Quanto a isso, vale ressaltar que o corpo que envelhece não seria apenas um sinônimo de morte, muito menos decadência, pois sentimentos fisiopatológicos como alegria, tristeza e arrependimento acompanham o indivíduo em todos os processos de crescimento. Muito embora, haja a estigmatização de que o corpo de um velho gay deve se resguardar. E, nesse caso, que fator se daria em se tratando do corpo de um

homossexual. De volta ao armário? É interesse, pois que, os estereótipos sociais retomam junto com a velhice (Moura et al., 2019).

Também se afirma que durante os anos em que a heteronormatividade colonizou países como o Brasil e pelo mundo afora, por exemplo, no Oriente, e determinava que o idoso se recolhesse dos prazeres sexuais, ocupando-se com outras atividades, porque seria propício à velhice - a abstinência sexual. Com isso, estereotipam até os dias de hoje o corpo do idoso, designando-o um ser ágamo. (Moura, 2017; Villas-Boas, 2016). Por outro lado, a desaprovação da vida sexual ativa do homossexual ao se tornar velho em nosso meio social parte, contudo, do ageísmo, que segundo Goldani (2010) é um termo que designa a exclusão do idoso gay do vínculo de vida e/ou relação sexual. Isto é, defende-se a ideia de que um casal hoje, antes pensando os heterossexuais, mas também, agora, inserindo os homossexuais, em idade avançada em nenhuma hipótese transam.

Sem embargo, a velhice homossexual é criticada no que diz respeito ao ato sexual e, tradicionalmente, ouve-se falar de forma pejorativa dele, fazendo com que muitos negligencie seu próprio prazer, “arquivando-o”, por medo da repressão e ou da punição. Foucault (2022) o embasamento judaico-cristão ao implementar a confissão e a partir dessa a punição, o confinamento dos corpos que transgrediam, que é a velhice. Neste sentido,

Constituiu-se, progressivamente, um grande arquivo dos prazeres do sexo. Durante muito tempo, à medida que se constituía, tal arquivo apagou-se. Passou sem registros (assim o desejava a confissão cristã) até que a medicina, a psiquiatria, e também a pedagogia, começaram a solidificá-lo. Campe Szmann, depois Kaan, Knoff-Ebing, Tardieu Molle e Havelocle Ellis com todo cuidado toda esta pobre lírica do despropósito sexual. (Foucault, 2022, p.63).

Velhice na literatura pode ser percebida como um termo atrelado a outros como sinônimo de loucura, demência e hanseníase (Polesso, 2020). Dessa forma, nenhum desses aspectos difere da perspectiva do corpo gay envelhecido, que, caso venha a sair do armário nessa fase, relacionando ainda mais com um parceiro da mesma idade ou muito diferente, passa a ser taxado de louco, insano e imaturo. Por conseguinte, muitos desses corpos idosos homossexuais submeteram-se ao padrão heteronormativo, buscando vestir os trajes do patriarcalismo devido às exigências do interdito por meio de outras intervenções, que se sucederam após os fundamentos da Igreja Cristã do século XVIII.

Inicialmente, a medicina, por intermédio das “doenças dos nervos”; em seguida, a psiquiatria, quando começa a procurar – do lado da “extravagância”, depois do onanismo, mais tarde da insatisfação e das “fraudes contra a procriação”, a etiologia das doenças mentais e, sobretudo, quando anexa ao seu domínio exclusivo o conjunto das perversões; também a justiça penal, que por muito tempo ocupou-se da

sexualidade, sobretudo, sob a forma de crimes “crapulosos” e antinaturais. (Foucault, 2022, p.36).

Através desta crítica de Foucault (2022) ao abordar o corpo do homossexual idoso através das falas do filósofo, embora o mesmo não trate especificamente sobre essa particularidade da comunidade LGBTQIAPN+, tampouco esses corpos envelhecidos estão incluídos em programas sociais de assistência à saúde e ao seguro de vida. Em vista disso, questionamos, os sujeitos homossexuais da terceira idade esquecem de si próprios ou são esquecidos dentro do armário?. Com isso, às vezes, somente tomamos conhecimento desses corpos através de noticiários e documentários, ou, até mesmo através de contos ou romances ou, às vezes nem isso.

De igual modo, é importante falar acerca da homofobia internalizada dos idosos homossexuais que preferem não assumir a identidade, e assim, ferir a dos outros, camuflando-se por um longo prazo da vida, precisamente pode-se dizer até envelhecer (Simões, 2004). A despeito, percebe-se que o enrustimento afetivo-sexual se trata de uma orientação do ser em repulsar os próprios sentimentos até envelhecer através do discurso do interdito disfarçado de preocupação com a vida ou a procriação lucrativa. Foucault (2022) questiona em sua obra **História da Sexualidade I – a vontade de saber** o porquê da repressão de outras formas de prazeres sexuais e amor que nos ajuda a argumentar sobre o motivo pelo qual a bicha velha reprime a sua sexualidade.

Pois essa colocação do sexo em discurso não estaria ordenada no sentido de afastar da realidade as formas de sexualidade insubmissas à economia estrita da reprodução (dizer não às atividades infecundas, banir os prazeres paralelo, reduzir ou excluir as práticas que não têm como finalidade a geração? (Foucault, 2022, p.40).

O mascaramento do porte físico, vestes e trejeitos, está em evitar envelhecer para aproveitar seu sexo e usar disso para estancar o isolamento da identidade reprimida de si mesmo a qual esteve trancafiada atrás de uma heteronormatividade frágil e inconsistente. Com isso, busca-se em segredo, muitos dos homossexuais idosos, satisfazer os prazeres enquanto é possível, tentando maquiar-se do rejuvenescimento quando a liberdade de expressão na literatura e outras artes e do próprio corpo LGBTQIA+ se dá de maneira pálida e vaga.

O corpo dos velhos é o corpo ‘diferente’, comparado –em desvantagem –com o modelo de corpo e beleza jovens vigente na sociedade, manipulável para se aproximar deste. Uma série de profissionais cuida desse aspecto: ‘alimentação saudável’, exercícios físicos, ainda mais eficazes se realizados ‘sob orientação especializada’ em academias ou com um personal trainer, dança de salão, moda mais jovem etc. (Motta, 2002, p. 43).

Antes de tudo o corpo de um homossexual, pensando o sujeito queer dos anos 1960, anteriormente a transfiguração da pele e de todo o seu porte físico em si que, inclusive, resulta em sua solidão em razão da própria sexualidade, silenciando-o. Com isso, esses sujeitos, ditos ‘os sobreviventes’ por Abreu (1982), mesmo conscientes de estarem esquecidos por uma parcela da população, sentem-se ameaçados, e em se tratando de liberdade e da livre expressão do sentimento e do corpo, sexo e sexualidade. Por essa razão, a maioria dos idosos LGBTQIAPN+ omitem a faixa etária ao se relacionar com alguém mais novo ou não apresentam interesses comuns por acharem que após envelhecer não fazem mais parte da comunidade homoafetiva (Simões, 2004). Assim, pode-se notar que não há liberdade contra o sistema opressor que traz solidão, tristeza e isolamento dos idosos LGBT’s.

1.1 Invisibilidade e resistência da velhice LGBTQIAPN+

Antes de discutir acerca da invisibilidade e resistência da velhice LGBTQIAPN+ é necessário mencionar que a homossexualidade era vista como proibida tanto em livros quanto em outro qualquer meio de entretenimento. Nesta perspectiva, Edgardo (2009) explicita que em séculos anteriores se estigmatizou o sexo como: 1) ilícito e imoral, até então proibido pelo poder; 2) impróprio para o desfrutamento do prazer; 3) inadequado para ser discutido, silenciando sua existência e tratando do corpo enquanto pornográfico. Dito isso, observa-se que o patriarcado foi alicerçado no meio social e, nisto, Edgardo (2009, p. 398) as virtudes do sexo, inclusive alega que no Período colonial: “(...) a partir dos séculos XVII e XVIII, não é a história de uma repressão contínua, mas, antes, da incitação constante e crescente a falar do sexo, a verter nossa sexualidade no discurso”, isto é, quanto mais se irrompia a fala do sexo ao mesmo tempo havia um forte crescimento de excitação sobre o que seria essas quatro letrinhas da palavra s-e-x-o.

De antemão, o capitalismo contribuiu vorazmente para que os corpos envelhecidos se tornassem ainda mais invisíveis, porém, Edgardo (2009, p. 38) ainda argumenta que em razão da repressão e estereótipos: “(...) não é dispensado somente a médicos e sexólogos, mas absorvido por todo um aparato de produção de conhecimento. Daí surge um critério de valorização do orgasmo, do gozo não como arte erótica, mas como ciência”. Nisto, percebeu-se que a homossexualidade LGBTQIAPN+ é ainda mais estigmatizada, porque embora o homossexual idoso está vulnerável a sofrer homofobia, insultos e etarismo por expor sua sexualidade e, também, aos riscos de contrair doenças por conta da desassistência prestada ao seu corpo (Araújo; Fernandes-Rouco, 2016). A resistência desse corpo, por mais que saibamos

de sua existência em um número muito maior, manifesta-se por um quantitativo mínimo de homossexuais velhos (Brito Motta, 2004).

Simões (2006) afirma que todos esses aparatos da velhice e as perspectivas malfeitoras atribuídas ao corpo velho corroboram com a imagem do homossexual da contemporaneidade, a fantasmagoria que esse sujeito provoca em si, a preocupação com o ser velho e aceitação da sua sexualidade. Também se nota isso nas lésbicas idosas, pois se espera delas a renúncia da sua sexualidade, o recolhimento à gaveta do armário, porque, já que não se pode assassinar esse corpo enquanto jovem, espera-se que ao menos com a velhice sua ausência seja esse sinal de morte.

Se essas prescrições de prudência não são exclusivas das relações homoeróticas que envolvem os mais velhos, entre estes elas parecem incidir com mais força, tendo em vista os estereótipos negativos relacionados à própria velhice e potencializados pelo estigma da homossexualidade. As “tias velhas” patéticas, afeminadas, desprovidas de atrativos e meio gagás; as “bichas amargas” solitárias, maledicentes e deprimidas; as “mariconas” desesperadas por companhia e capazes de atacar qualquer jovem incauto: todas essas imagens compõem um elenco de assombrações que parece pesar sobre os homens homossexuais mais velhos como “virtualidades disciplinadoras”. São categorias fantasmagóricas das quais se deseja fugir, já que a identificação com elas realça o ridículo e o ostracismo daquele que é incapaz de governar o próprio corpo e os próprios desejos – condição que obrigaria ao desengajamento e à renúncia final à sexualidade. (Simões, 2006, p.17).

Com isso, a princípio, buscou-se desmitificar a imagem discursivamente construída que diz respeito aos corpos desviantes desvinculados do padrão heterossexual binário determinante de uma “grade de inteligibilidade cultural por meio da qual corpos, gêneros e desejos são naturalizados” (Butler, 2013, p. 215). Imagem esta que naturaliza o corpo homossexual idoso de que todos perante a lei estão assegurados da violência e do possível abandono, sobretudo porque somos atravessados de que na velhice precisamos de cuidados do outro, em geral, os filhos e, se não os temos ficamos à mercê do acaso ou da bondade alheia.

Quem sobrevive a esse extermínio sistemático geralmente apresenta histórico de traumas por abusos sexuais, incluindo estupro corretivo (aquele que é praticado contra lésbicas e transmasculinos para “ensinar” a ser mulher), síndrome do pânico, depressão crônica, automutilação ou tentativas de suicídio. (Nery, 2019, p. 19).

Todas essas repressões, violência e intolerância são, em suma, resquícios das colonialidades de poder e gênero, assim, Foucault (1979) sustenta que essas são práticas de sujeitos assujeitados e centradas em um discurso fundamentalista. Isso encontra fundamento no fato de que o patriarcalismo fincou suas raízes no seio social de tal maneira que o capitalismo considerou e fundou o padrão inacessível da homossexualidade, desassistindo os sujeitos antes mesmo de considerar que: “a promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de

constituição de mercados de consumo — e nele não há lugar para a velhice.” Debert (2011, p.28). Deste modo, é nítida a luta pela permanência da autoridade e superioridade de quem detém o poder subestimando aqueles que são vulneráveis, frágeis, esses indivíduos homossexuais e velhos conhecem bem seus direitos, contudo, não há quem se dispõe em ajudá-los a conquistá-los. Ademais, compreende-se que:

[...] afixar o rótulo de ‘valor humano inferior’ a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso costuma penetrar na autoimagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo. [...] assim, a exclusão social e a estigmatização dos outsiders (estranhos, desviantes) pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar. (Elias, Scotson, 2000, p. 14).

Por outro lado, a identidade do sujeito é posta em discurso ideológico que visa intervir e submeter muitos daqueles que apresentam comportamentos distintos do ideal proposto por uma sociedade patriarcalista e capitalista defensora da produção de mão obra do operariado. Desse modo, Foucault (1999) questiona e denuncia esse aparato de poder capaz de exterminar os sujeitos de identidades diversas, gay, lésbica e trans, a fim de sonegar a existência desses no âmbito social, assim, o filósofo afirma que:

[...] essa colocação do sexo em discurso não estaria ordenada no sentido de afastar da realidade as formas de sexualidade insubmissas à economia estrita da reprodução (dizer não as práticas que não têm finalidade a geração? Através de tais discursos multiplicaram as condenações judiciais das perversões menores, anexou-se a irregularidade sexual à doença mental. (Foucault, 1999, p.36).

Uma outra esfera de invisibilidade do homossexual idoso, principalmente no Brasil, é a saúde, além de estes sujeitos terem vivenciado a Ditadura Civil-Militar (1964-1985) a descoberta da AIDS, incluindo os medos e a perseguição aos gays após esse último fato. Todavia, muitos dos homossexuais que sobreviveram a essa fase resistem a se mostrar velhice, inclusive, devido aos traumas causados pela violência social, em particular, da própria família, esses homossexuais idosos aprisionaram-se em uma solidão casmurra. Neste sentido, Santos, Araújo e Negreiro (2018) asseguram que essa ausência do idoso gay em lugares públicos como o hospital, restaurantes, empresas onde trabalham, igrejas encontra reminiscência no fato de não se poder ainda identificar o companheiro como cônjuge, embora haja alguma abertura a partir da promulgação do decreto que legitima a união homoafetiva.

Isto, sem contar a resignação do homoidoso contra si mesmo, pois, em primeiro lugar, o velho era visto como um inválido, incapaz de reproduzir, assim sendo, um parasita (Beauvoir, 2018) advindos, portanto, de fatores biopsicossociais e culturais. Contudo, a respeito de uma vida sexual possível na velhice nos dias de hoje, desmitifica a presença da morte a qual muitos

de nós fazemos analogia à velhice. Nesta perspectiva, Pocahy (2012, p. 132) declara que “acompanhar uma fotografia provisória deste idoso ocupando um lugar possível na cidade, que em seus movimentos de erotismo deforma as representações normais para um homem de idade”.

Todavia, é preciso ressaltar um outro lado da invisibilidade da velhice LGBT, anterior a essa onda de resistência motivada pelos movimentos de liberdade da segunda metade do século XX, eram corpos interditados pelos aparatos estatais vigilantes e ativos, como a família, a igreja e a escola. Neste caso, homens e mulheres gays passaram a reprimir sua orientação sexual, por exemplo, A Marquesa, no documentário **Divinas Divas** (2016) revela que não podia se transvestir dentro da casa paterna, pois a mãe não aceitava, inclusive a mãe ao saber da orientação do filho internou-o numa clínica psiquiátrica. Ressalta-se tudo isso se acontecia anonimamente, de modo discreto, inconfessável e inimaginavelmente, prática comum até a atualidade nos grupos e sites de relacionamento LGBTQIAPN+ em que uma ou ambas as partes pedem sigilo da relação.

Cabe ainda mencionar que esse comportamento é denunciado nos contos “A moralista”, de Dinah Silveira, “Dia dos namorados”, de Rubem Fonseca, “O Estivador”, de Harry Laus e, “Sargento Garcia”, de Caio Fernando Abreu. Deste último, integra a coletânea **Morangos Mofados**, publicada em 1982, nele a personagem-título é um senhor da terceira idade, servidor do exército, general, visto como ‘homem’, às escondidas relaciona-se com um menor de idade, reprime, mas ao mesmo tempo usufrui do proibido para apenas apetrecer desejos ditos imundos, carnavais. Foucault (2022, p. 54) atesta que o poder, a repressão seguiu-se com o prazer, o prazer de poder submeter os corpos, pois o “prazer e poder não se anulam; não se voltam um contra o outro; seguem-se, entrelaçam-se e se realçam. Encadeiam-se através de mecanismos complexos e positivos, de excitação e incitação.”.

Pode-se dizer ainda que a personagem Sargento Garcia não é invisibilizado, mas que invisibiliza a si próprio a partir do momento em que não confessa a sua sexualidade, a repudiando, camuflando-a, enquadra-se em um inconfessável-confesso, segundo Foucault (2022, p.72). E em decorrência dessa tentativa de negação de quem realmente é, o Sargento Garcia estava sempre à caça de uma presa, como fez com o jovem soldado, posto que muitos homoidosos não desejam se relacionar com outros da mesma idade, buscando, na maioria das vezes sujeitos mais novos e, por isso, são silenciados ou silenciam o próprio corpo (Veras, 1997).

Vale ressaltar que não há aqui uma tentativa de pressupor que todos os homens são homossexuais, e é bem verdade que, de fato não sabemos, pois, a sexualidade não parte de uma

preferência para se dizer que ao envelhecer todos esses homens optam por mudar de identidade. Desse modo, em se tratando de homossexuais não assumidos assim até alcançar a maior idade é prescritível que os homoidosos estão em lugares específicos, isso se intensifica com a chegada da velhice, em que certamente a prisão ampla da juventude encerra-se por uma solitária, onde esse sujeito está terminantemente confinado. Apesar de que, o indivíduo homoidoso possa discretamente viver suas paixões proibidas, ainda assim, não é liberdade nem deixa de ser uma prisão por mais que neguem suas verdadeiras identidades e tratem o que sentem como uma infecção por não conhecerem a si. Nesta perspectiva, menciona-se:

É mais comum, entretanto, serem pontos de resistência móveis e transitórios, que introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos recortando-os e os remodelando, traçando neles, em seus corpos e almas, regiões irreduzíveis. (Foucault, 2022, p.105).

Por sua vez, encerra-se uma visão um pouco mais abrangente em relação aos corpos invisibilizados, uma vez que podemos perceber a invisibilidade, preferência e seletividade, onde frequentemente haverá restrição do amor, erotismo e sensualidade de dois corpos do mesmo sexo e idosos. Nisto, podemos citar o beijo protagonizado na telenovela **Babilônia** (2015) por duas idosas lésbicas, rejeitadas publicamente, acusadas de estarem cometendo um atentado ao pudor e à moral por parte de uma sociedade que se julga ser partidariamente moralista, religiosa e conservadora. Por essa razão, perdura até hoje essa errônea percepção da velhice de que tudo o que constitui o sujeito, tanto interior quanto exterior, envelhece, e de que se torna inválido o pensar, o sentir e o existir desse indivíduo.

Por fim, importa ainda salientar, aqui, que, assim, como senhor e senhora não trata de formas aceitáveis como forma de tratamento dentro da comunidade LGBTQIAPN+, porque esses termos invalidam seus corpos, como tiozões, paizões, tias ou cacuras (Henning, 2013). Se atentiosamente analisarmos, tias e cacuras são termos usados para se referir as bichas afeminadas; já, tiozões e paizões, são os homoidosos que ainda estão “com tudo em cima”, malham ou simplesmente mantém uma boa forma física pelo autocuidado e genética. Terminologicamente esses termos estereótipos que invalidam e negam a vitalidade desses corpos, embora muitos dos gays idosos tenham o “pink money”¹ e possam viajar, passear, mas ainda assim devem resistir porque não produzem mais para a sociedade capitalista.

¹ O *pink money* ou o comércio financeiro para homossexuais surge na década de 90 (Alves, 2009). Porém, ao invés de promover inclusão e igualdade entre todos faz com que a desigualdade siga em escala maior do que vivenciamos diariamente, pois seu objetivo, ou público alvo é um corpo juvenil para a venda de estética e moda, que, aliás, além de excluir gays idosos, exclui parte da comunidade trans também (Bonfanti, 2011, p. 19).

1.2 Velhice homossexual? A sexualidade do homoidoso na literatura

Antes de se falar sobre a imagem de um idoso gay na cena literária é importante remontar, aqui, ao que já foi falado, nem todo “ser velho” passa por um mesmo processo de envelhecimento, emagrecimento, rosto definhado e rugas. Os processos são distintos porque “depende, sobretudo não apenas na nossa condição genética mais, sobretudo dos hábitos que temos ao longo da vida. Pois nascer, crescer, e envelhecer são processos naturais que se evidenciam com o tempo [...] vai depender do histórico de vida aliado às potencialidades genéticas” (Fechine; Trompiere, 2012, p. 129).

Hilda Hilst, escritora pós-modernista, em suas narrativas de fluxo da consciência, questionamentos existenciais e erotismo, em **Tu não te moves de ti** (2004), na novela “Tadeu (da razão)” volta-se para a velhice através da personagem Tadeu, uma verdade sobre o corpo que envelhece. Tadeu, no auge de seus 50 anos e fruto de uma união fútil, em tese busca concretizar o que pensa ser verdade a respeito do idoso ao seguir numa excursão a um abrigo de idosos onde acredita com plena convicção haver ali velhos ‘morfados’, em estado precário e deformados. Porém, esse pensamento é desconstruído quando finalmente a personagem-título entra dentro da casa e passa a contemplar todos os idosos que estão presentes, como descrito no trecho seguinte.

Entro na casa dos velhos e o cheiro dos frutos pousa no corpo de Tadeu, ar succulento, pesado de aroma raro, não vejo o que pensava que veria, as caras magras, a brancura dos braços, o peito transparente e glabro, não, há cochichos e fingida sonolência, atravesso a varanda, a mão de Heredera na minha, um estufar de peito altivo numa senhora que parece velha, algum riso, eu diria que atravesso que atravesso um espaço gordo de ideias. (Hilst, 2004, p.36).

A velhice foi por muitos anos estudada psiquicamente a fim de se comprovar uma fase em que o ser humano viria a perder suas faculdades mentais e, assim, impedido de desfrutar dos prazeres sexuais da vida acreditando que somente à juventude esse comportamento seria compreendido como possível de ser exercida (BARCELLOS, 2006). Entretanto, essa é uma das dúvidas de Tadeu a respeito da mentalidade de um ser velho, se esse sujeito ainda é capaz de raciocinar, que, aliás, é esclarecida, pois nem todo indivíduo é perfeito de sua consciência independentemente da idade. Neste sentido, como assim Freud (2010) explica que estamos inseridos em nosso próprio inconsciente, por esse lado, Heredera se disponibiliza a dizer “pois é verdade, senhor, na velhice se sonha, e o sonho fica um fato recrescente, tantas vezes em trêmido contente, volta adubado, faz-se verdade.” (Hilst, 1982, p. 37).

Ainda tratando da presença do idoso na literatura hilstiniana, ela compara o sujeito idoso com animais, como, o cachorro, o porco etc., e explica que, a diferença entre as duas espécies é o racional e o irracional, esse reflexo, no entanto, se encontra na prosa **A Obscena Senhora D**. Porém, afirma que a semelhança entre ambos é a forma de tratamento, pois, a primeira imagem que podemos associar é de que o velho por muita das vezes, é aquele sujeito que depende de auxílio para tudo, senão emporcalha-se, contudo, isso não é o mais interessante a Hilst, mas, sim, a solidão de ambos (velho e animais), nisto, a própria autora irá dizer que como os animais, os idosos são agora seres irrefutáveis; não conseguem explicar a sensação da velhice nem a da morte, tudo isso, através dos olhos, é o que se pode perceber no trecho da obra:

Engasgo neste abismo, cresci procurando, olhava o olho dos bichos frente ao sol, degraus da velha escada, olhava encostada, meu olho naquele olho, e via perguntas boiando naquelas aguaduras, outras desde há muitos mortos sedimentando aquele olho, e entrava no corpo do cavalo, do porco, do cachorro, segurava então minha própria cara e chorava
Que foi Hilé?
O olho dos bichos, mãe
Que é que tem o olho dos bichos?
O olho dos bichos é uma pergunta morta. (Hilst, 1982, p.30).

Hilé, é a senhora D, essa personagem de Hilst, embora não seja possível identificar dentro da narrativa uma personificação ou prosopopeia dos bichos, pois se percebe que esse diálogo entre os animais é quase que vivo, porque, é por meio disso que a senhora D busca resposta acerca da sua solidão indagando a sua porca cujo nome se chama senhora P. Desse modo, a personagem usa de uma fala altercada e de inocuidade religiosa, ao mesmo tempo Hilst põe a senhora D em comparação com a porca, conforme lido em:

Tento sair da minha pulverescência, e olho longamente a senhora P. Me olha. É parda, soturna, medrosa, no lombo uma lastimadora, um sonho sanguinolento.
[...] Porque não me tocaste, Senhor, e nem me pensaste sóbrio os fermentos, porque nem o calor da ponta dos teus dedos foi sentido por mim, porque mergulho num grosso emaranhado de solidões e misérias e te buscando emergo de mim mesma as mãos cheias de lodo e de poeira, este meu roxo-encarnado sem vivez reside em mim há séculos, lapidescente na superfície, mas fervilhante e rubro logo abaixo, eterno em dor com a tua esquivez. (Hilst, 1982, p.87).

Evidencia-se que as feridas que a personagem se refere (suas próprias) não são físicas, e sim, internas, como a tristeza, a solidão e tudo aquilo que se encontra no inconsciente, e que, aliás, encaminha o sujeito idoso ao encontro da morte incompreensivelmente. Por se tratar de uma personagem na velhice. Com isso, “a vida foi isso de sentir o corpo, contorno, vísceras, respirar, ver, mas nunca compreender” (Hilst, 1982, p. 53).

Por um lado, podemos compreender o porquê dessa comparação animalesca de Hilst, tão bem caracterizada a qual não poder-se-ia ponderar outro exemplo para refletir melhor os

indivíduos senão esse, através da teoria de Bataille (2016, p.24) que diz: “A rigor, o animal pode ser visto como um sujeito para o qual o resto do mundo é objeto, mas nunca lhe é dada a possibilidade de ver a si mesmo assim”, portanto, “Elementos dessa situação podem ser apreendidos pela inteligência humana, mas o animal não pode realizá-los” (Idem, p.24).

Por outro, Hilst não propôs essa relação entre bichos e seres racionais à toa, especialmente os idosos, para representar o pensamento errôneo e ofensivo da sociedade a respeito desses sujeitos, quando se trata do desejo sexual tratado como obsceno, esses indivíduos muitas vezes são considerados impuros e degenerados “sendo associados igualmente aos apetites estomacais e sexuais. ‘O porco goza na lama e no esterco’” (*apud*, Visnadi, 2019, p.20). Por essa razão, sustenta-se que a velhice nas narrativas da autora representa simbolicamente o erotismo ou a sexualização do sujeito idoso.

Intriga pensar que além de tudo o que constitui o corpo, a única coisa que não para de funcionar é a mente, que traz e leva memórias incertas, sonhos irrecuperáveis e lembranças vagas. Enquanto a isso teríamos algo a ser discutido, libido (Fulgencio, 2002). Freire (2000), por sua vez, afirma na obra **Se não houver tesão não há solução**, que o tesão não é unicamente aquilo que está ligado a ereção, mas sim, também, a mente. O autor ainda sustenta que quando se perde o tesão, perde-se o prazer acerca da beleza das coisas, e que, aliás, pode ser temporal - passageiro. E isto interessa se discutir em uma perspectiva da velhice devido ao mito da velhice assexuada, como lido em: “Hoje, perder o tesão significa também se desinteressar. Mas trata-se de um desinteresse que não é apenas mental, existencial, mas também corporal e sensorial, mesmo que seja por coisas com as quais não entramos em contato sensual e direto.” (Freire, 2000, p. 17).

Em **Vermelho, Branco e Sangue Azul** (2019), de Casey McQuiston, há a denúncia da pacata vida da coroa britânica e o acesso aos arquivos da promiscuidade da família real através do príncipe Henry, que tem a identidade homossexual arrancada do armário. Essa estratégia é um meio de narrar sobre os antepassados da realeza que vivenciaram a homossexualidade, sobretudo na velhice, como no caso do rei Jaime I, este assumiu o trono aos 13 anos e faleceu aos 58 anos. Por sua vez, aos 47 anos, ele tomou conhecimento de George Villiers, por quem cativou sentimentos polimorfos, pois era “o homem de corpo mais belo em toda a Inglaterra” diziam, Jaime ficou completamente embasbacado. Todo mundo sabia” (McQuinston, 2019, p.268). Entretanto, essas práticas do rei, uma certa vez, foram denunciadas pelo poeta francês, De Viau, como narra Henry: “Um poeta francês, De Viau, escreveu um poema sobre isso. – Ele limpa a garganta e começa a declamar: - “Um homem fode o monsieur Le Grand, outro fode o

conde de Tonnerre, e é bem sabido que o rei da Inglaterra fode o duque de Buckingham.” (McQuiston, 2019, p.268).

No entanto, esse romance parece ter sido silenciado, porém, ao que nos diz a obra de McQuiston (2019), Jaime I expõe sua relação com Villiers aos seus súditos, os anglicanos estremeceram diante de tal novidade e indignaram-se. Todavia, somente os burgueses tinham o conhecimento da vida sexual promíscua do rei, e que, aliás, anos mais tarde o próprio ousará declarar que tal comportamento (a homossexualidade) não passa de um ato sodomita. No entanto, o rei para acalmar os ânimos que se sucediam dentro da Igreja Anglicana, concede a autorização da tradução da Escrita Bíblica e o seu amor por George é confessado.

Enfim. Você sabia que a tradução da Bíblia em inglês existe porque a Igreja Anglicana ficou tão indignada com Jaime por expor sua relação com Villiers que ele encomendou a tradução para agradá-los?

[...]

- Ele entrou na frente do Conselho Privado e disse: Cristo teve João, e eu tenho George”. (McQuiston, 2019, p.268).

Contudo, interessa trazer essa narrativa da vida de Jaime I, pois, primeiramente, percebeu-se o quanto o erotismo fazia parte do dia a dia desse rei, e isso durante a sua velhice, e muitos daqueles que conviviam dentro do palácio, a sua volta, pouco se importavam com isso. Até então, segundo a história, por mais que o monarca fosse casado, preferiria transar com homens, uma realidade, hoje, em nosso meio social, de homens velhos que se relacionam com garotos, jovens, mesmo sendo casado. A diferença desses homens para Jaime I, é que o rei se deitava com seus duques aos olhos da rainha, então, a majestade era consciente do adultério do marido, muito embora não concordasse. Outrossim, a promiscuidade do rei era tamanha que a cada noite se servia de um garoto diferente, entre os escolhidos, os mais destacados entre todos, eram Esmé Stewart, o duque de Lennox e Robert Carr, o duque de Somerset.

Essa figura de Jaime I, é idêntica com a *ars erotic* de alguns dos poemas de Chaves, como, por exemplo, o poema “A Todos Amei, Todos São Bem-Vindos” (2010, p.24), isso diz respeito de Jaime e aos homens com quem ele mantinha relações afetivo-sexuais, pois são descritas as vivências de um homossexual idoso, o qual está envolto de recordações e diz: “que importa quem? A Todos amei, todos são bem-vindos”. Porém, é intrigante pensar a relação de Jaime I e Villiers como liricamente Chaves descreve nesse poema, a relação de um homossexual velho com um garoto em suas palavras eróticas.

Passei com Pierre Protti em Londres,
vaquinha francesa no curral de Sua Majestade.
Dizia a putinha: “Perdes as plumas, meu caro”.
E isso por eu, seu macho, estar ficando calvo.
À noite comia seu cu, em forma de boceta peluda,

enquanto ele me ofendia e ria de mim, putana! (Chaves, 2010, p.23).

O fragmento desse poema revela o envolvimento de um homoidoso com um jovem moço, como assim foi Jaime I e George. Passamos a recortar dos versos pontos que esclarecem a relação de ambos. Primeiro, quando é declamado “à noite comia seu cu, em forma de boceta peluda” – vale ressaltar que, por mais que o rei se envolvesse com seus amantes, era somente às ocultas que deleitava-se em gozo com George. Pois, a homossexualidade como vista homossexualismo e a palavra erótica também mal interpretada, eram ainda vistos como pecaminosos e ilícitos àquela época simplesmente porque:

Beijar na boca de outro homem? Na língua?
Pra todo mundo saber? O que? Não.
Meu tempo era outro.
Beijava-se escondido outro homem. (Freire, 2003, p.63).

É preciso analisar, por esse lado, que por mais que o absolutista negasse sua identidade igual a de todos os homossexuais com os quais mantinha relações afetivo-sexuais ainda os condenava sob a alegação de que não se passava de uma aventura, uma “camaradagem sexual”. Por sua vez, o trecho do poema de Freire explicita o desejo de manutenção do afeto, o beijo de língua entre dois homens e ainda as transformações do tempo ao ver essa cena, uma vez que há pouco mais de quatro décadas a homossexualidade foi destituída da classificação de doença psíquica. Embora, ainda existam locais em que a homoafetividade possa ser considerada um crime, um pecado gravíssimo e, todavia, no Brasil, a liberdade até mesmo para se unir ao outro reconhecida em decreto-lei isto não quer dizer que não haja preconceito, sobretudo, em se tratando de corpos homoidosos.

Decerto ainda há homossexuais que silenciam a si e a própria sexualidade até envelhecerem, fingem não conhecer a verdadeira identidade, – não que tenham que se assumir obrigatoriamente – relacionam-se às escondidas. Muitos deles idealizam o corpulento de um gay mais jovem e afeminado à figura de uma mulher a fim de que suavizem a si mesmos de que não transaram com um homem, e enganam-se alegando ser apenas uma diversão ou alívio, porque acreditam que com o corpo de mesma idade não conseguiram alcançar tais desejos (Henning, 2013). Lembrando, portanto, de que se fala dos homossexuais maduros, que sequer podemos nos ocupar em classificá-los heterossexuais ou gays nem partir de qualquer outra identificação que se possa confundir com androginia.

Outro discurso crítico a respeito do idoso gay é de que esse sujeito é incansavelmente devasso, insano, imundo e doentio por causa de seus desejos sexuais, são sempre as bichas loucas gagás ou enrugadas que desejam sentar suas bundas em qualquer pau (Henning, 2013).

E, nisso, ninguém lembra dos veados idosos que se identificam como demissexual, e que ainda sim são sujeitos a ridicularização e passam a empregar o discurso da “bicha solteirona”, inclusive na própria comunidade. Por conseguinte, não se pode alegar que homossexuais idosos não sofram de homofobia internalizada, porque, em meio ao grande número que se alastra em nosso país há aqueles que de fato não aceitam se sentirem diferentes, que estão isolados em seus armários mofados, infelizes e decadentes (Maki, 2005).

2 ESTEREÓTIPOS DA VELHICE DE HOMOSSEXUAIS NA LITERATURA

No âmbito social pensar a literatura como um território para todos, todas e todes ainda se encontra em construção, contudo, com os passos vagarosos e performances incompletas de todas as representatividades sociais desde o real até o ficcional, principalmente, quando se busca representar corpos marginalizados. Neste sentido, a literatura mescla contextos da humanidade e permite ao leitor, fazendo com que esse as intérpretes, crie e construa suas próprias opiniões e, ou suas próprias teorias acerca da vida. Com isso, pensar a homossexualidade na velhice obriga-nos a perguntar – o que de fato é a literatura? Ou, como Tzvetan Todorov (2010) indaga a si próprio em sua obra – Qual a finalidade da literatura? E, então, descobre que, a literatura, a propósito, objetiva mediar o leitor perpassando a realidade e o imaginário, a fim de que o sujeito examine a si mesmo compreendendo seu lugar em meio a sociedade e os fatores que o envolve e implica em sua existência (Todorov, 2010).

Todavia, a literatura centra-se com vista às demandas, valores e crenças da sociedade, possibilitando desse modo a desconstrução de ideais fundamentalistas e moralistas. Por essa razão, Culler (1999) afirma que a literatura pode atribuir sentidos àquilo que durante anos acreditam não haver sentido, como é o caso da representação das minorias, sobretudo da velhice homossexual. Nesta perspectiva, o corpo narrado em obras literárias da antiguidade trazia a ideia de quem pode se relacionar com os homens do mesmo sexo, o rei/imperador, e a maioria das obras poder-se-ia ser analisada e criticada a respeito do não interesse em escrever sobre esses corpos em prol de torná-los visíveis, assim:

[...] Deveríamos observar sobretudo a complexidade e diversidade da literatura como instituição e prática social. O que temos aqui, afinal de contas, é uma instituição baseada na possibilidade de dizer o que quer que você imagine. Isso é central para o que é literatura: a obra literária pode ridicularizar, parodiar qualquer ortodoxia, crença valor, imaginar alguma ficção diferente e monstruosa. [...] a literatura é a possibilidade

de exercer ficcionalmente o que foi pensado anteriormente. Para qualquer coisa que parecesse fazer sentido, a literatura podia fazê-la sem sentido, ir além dela, transformá-la de uma maneira que levasse a questão de sua legitimidade e adequação. (Culler, 1999, p.46).

Culler (1999, p. 46) diz que “em muitas sociedades, a literatura teve funções absolutamente práticas, como função religiosa; a nítida distinção entre prático e não-prático talvez só seja possível numa sociedade como a nossa, na qual a literatura de ter grande função prática.” Por essa razão, podemos considerar que a insuficiência da literatura com referência aos reflexos do sujeito, a exemplo, a velhice e a homossexualidade. Outros alegam erroneamente de que não seria adequado a literatura representar a sexualidade e velhice, porque ao fim de tudo são casos isolados, desinteressantes, achando ser a literatura voltada somente para o imaginário, o romance que idealiza corpos heteronormativizados (Barcellos, 2006) .

A partir desses conceitos percebeu-se que o estereótipo para a literatura especifica aqueles corpos não atraentes, os de sexualidade dissidentes, envelhecidos, doentios, empobrecidos, enfim, corpos que para servem de objeto para a sociologia não para as artes. Porém, Eagleton (2019) contradiz esse discurso alegando que, o que é literatura pode não ser ou deixar de ser, dependerá de quem usufruir, se apropriar, pois em nosso universo literário há leitores e outros que apenas folheiam as páginas pelo anseio de encontrar representações homoeróticas. Por essa razão, pode ser afirmado que:

[...] a ilusão de que a categoria “literatura” é “objetiva”, no sentido de ser eterna e imutável. Qualquer coisa pode ser literatura, e qualquer coisa que é considerada literatura, inalterável e inquestionavelmente – Shakespeare, por exemplo –, pode deixar de sê-lo. (...). Alguns tipos de ficção são literatura, outros não; parte da literatura é ficcional, e não é; a literatura pode se preocupar consigo mesma no que tange ao aspecto verbal, mas muita retórica elaborada não é literatura. (Eagleton, 2019, p. 14).

Também se compreende que, a maioria dos personagens das histórias literárias que lemos nunca envelhecem e sempre estão sendo representados como invulneráveis. Por isso, evidencia-se que a literatura a qual objetiva desconstrução dessa imagem que expõe os seus fracassos, os sentimentos rejeitados e a desestruturação de seus corpos, sobretudo aqueles marginalizados, como o homossexual idoso, e retratá-los da forma correta e realista como deveria ser. E, por esse motivo, uma certa vez Júlio Simões (2004) explicou a valorização da beleza juvenil, porém enquanto a estética velha seria:

O declínio do desejo, a perda da atratividade física e o virtual apagamento como pessoa sexuada está entre as principais marcas e condições do envelhecimento que sustentam, em grande parte, o repúdio e o medo generalizado do corpo em degradação e, em contrapartida, a avaliação positiva que se faz da juventude. (Simões, 2004, p. 417).

Em conformidade com o autor, entendeu-se que a ausência da juventude é considerada a perda da beleza e da atividade sexual, uma vez que as alterações genéticas trazem consigo a fealdade física do sujeito, tornando o corpo não atrativo e contribuindo para a interdição das interações sociais do mesmo. Outrossim, Pessini e Siqueira (2013) discorrem a respeito da importância da representação da velhice dentro da literatura mantendo, assim, verossimilhança com o real e de tal modo garantir esse direito da representatividade, consoante lido no fragmento seguinte.

[...] deve ser colocada no contexto dos seres humanos, em uma perspectiva histórica e temporal: o processo de acumular anos, do qual o idoso é uma parte e expressão concreta do tempo. Ser gente é estar situado no tempo. A temporalidade é constitutiva da existência humana. (Pessini; Siqueira, 2013, p. 111).

Diante do exposto compreendeu-se que a obra literária acompanha as transformações temporais e as representações nela inseridas também seguem essa mesma temporalidade, visto o autor apenas captar e transformar o seu tempo, nisto, o gay idoso que até a primeira metade do século passado não tinha espaço, a partir dos anos 1970 passa a ser visibilizado. Para Barthes (1989, p.12), a literatura para ser verdadeira e fiel ao leitor apoia-se naquilo que mais a especializa, a representação de um sujeito, um tempo e uma sociedade específicos. Desse modo, o autor em seu discurso alega que “desde os tempos antigos até as tentativas de vanguarda, a literatura se afaina na representação de alguma coisa”.

Antonio Candido (2020) discutiu a relevância da literatura como um espelho que se encarrega de refletir o interior do personagem, ou melhor, do sujeito social, desde os parâmetros protuberantes até o mais defectivo dele. Segundo o autor a literatura seria decerto um “movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas” (Candido, 2020, p. 34). Entretanto, considera-se a reciprocidade entre obra e leitor, embora o autor explore a ficção é imprescindível a sua diligência no que diz respeito a sociedade e à sua realidade e isto não pode ser omitido. Caso contrário, estará faltando com a sua verdade, uma vez que se declare teórico ou militante, das causas LGBT’s, deve-se encarregar de narrar sobre todos independente de suas fases etárias.

Acrescenta-se, a negligência da abordagem do homossexual de se assumir na velhice desencadeia a invisibilidade e a solidão do idoso gay, pois até então o cenário literário que é construído sobre esse sujeito em mentes colonizadas é de que o/a velho/a é um ser de cabelos brancos, fraco, doente, defasado e em estado de repouso. Além disso, podemos notar dos estereótipos atribuídos ao homossexual idoso, há, portanto, uma diferenciação, continuará a ser

considerado depravado e imundo, os quais deveriam ter a sua sexualidade interdita, um símbolo da depravação e do pecado como afirmado em:

Nas sociedades tradicionais, a figura do velho representa a sabedoria, a paciência, e transmite os valores da ancestralidade [...] quem, através da evocação e da transmissão oral, construía uma narrativa com a qual se incorporava (fazia-se corpo) [...] o velho, então era um elemento na vida do jovem que colaborava para sua ancoragem no registro do simbólico... (Goldfarb, 1998, p.11).

Em conformidade com o fragmento compreende-se que a produção da literatura contribui para a visibilidade desses corpos envelhecidos, entretanto, aqueles não enquadrados no modelo padrão foram rejeitados na produção canônica, por exemplo, o corpo homoafetivo e velho. De igual modo, pensar a velhice de uma mulher lésbica dentro da literatura conforme Ferreira-Pinto (1999) ainda é uma temática bastante complicada no que tange ser uma mulher falar por si mesma e/ou ser representada enquanto lésbica e velha, resulta em censura, silenciamento e apagamento dessas identidades e corpos, pois:

A autocensura, que às vezes pode calar a expressão erótica feminina em todas suas formas, encontra-se obviamente enraizada nas práticas sociais vigentes que tanto procuram controlar a sexualidade feminina, como restringir o acesso da mulher a uma adequada a representação de sua sexualidade. (Ferreira-Pinto, 1999, p. 406).

Desse modo, até então discutimos sobre a relevância da literatura em representar a velhice sem omissão, interessa abordar o retrato da velhice homossexual; gay/lésbica como contraposição aos estereótipos e censura dos corpos homoafetivos. Por essa razão, além do indivíduo está submetido ao interdito, a tríade: gênero, sexualidade e velhice também é sujeitado ao poder heteronormativo que prescreve como o sujeito deve envelhecer, ou melhor, evitar ficar velho “demais” interagindo em “um contexto social de tensão patologizante e de imagens fundadas na ojeriza, como a de ‘velho sujo safado’, ‘velha assanhada’ ou ‘velho sem-vergonha’” (Henning, 2013, p.8).

Diferente do gay idoso, para Natalia Borges Polesso seria mais emocionante tratar em um dos seus contos o relacionamento de duas lésbicas idosas, uma relação que Alves (2010) consagra em sua obra de “dual” posto que interseccionaliza - mulher e idosa, além de interpretar a dualidade de outras mulheres, lésbicas e idosas. Ou seja, a rejeição social da união de duas mulheres é de extrema ignorância a ponto de elas passarem a assumir uma dualidade, serem namoradas/casadas e tentar aparentar serem apenas irmãs ou amigas ou até mesmo fingir; serem discretas, forçadas a exteriorizar as performances do papel sexual, assim, a mulher parece estar devendo, conforme a autora relata:

No caso das mulheres mais velhas parece haver um processo marcado fortemente pelo dualismo e por uma visão de — naturalidade das relações sexuais. O dualismo se expressa no discurso de que as mulheres tinham que fazer uma opção, como se houvesse uma pressão social para assumir um lugar e um papel no universo da homossexualidade feminina: ser o sapatão ou a namorada do sapatão. (Alves, 2010, p. 227).

No caso, a mulher idosa lésbica é ainda mais ridicularizada pela concepção estereotipada atribuída a ela pelo fato de não possuir um pênis e poder assumir o ato sexual da relação com a parceira, sobretudo quando Alves (2010) exemplifica essa cobrança da sociedade para com a mulher se por acaso ela é “o sapatão” ou “a sapatão”. A partir disso, reflete-se acerca do porquê da pouca representatividade da autoria feminina e nesta seara Natalia Borges Polezzo e outras que escrevem sobre as vivências da interseccionais da mulher, lésbica, idosa, avó. Ademais, a representatividade das sexualidades dissidentes na literatura só é possível porque a obra é influenciada pelo meio social, assim, como recebe as influências dele. Nisto, é esclarecido que:

Na cultura patriarcal ocidental, portanto, o autor do texto é um pai, um progenitor, um procriador, um patriarca estético cuja caneta é um instrumento de poder gerador como seu pênis. Além disso, o poder de sua caneta, como o poder de seu pênis, não é apenas a capacidade de gerar vida, mas o poder de criar uma posteridade à qual ele reivindica. (Gilber; Gubar, 2000, p.6).

Acrescenta-se, discutir a respeito do homossexual idoso dentro da literatura é superinteressante, contudo, a mulher lésbica idosa faz parte dessa minoria e invisibilidade, assim como a travesti e, ou o transgênero, em que pouco se lê sobre. Tendo em vista que não se tratando aqui profundamente da velhice transviada considerando o fato de que essa temática se insere em nossa análise desde quando buscamos tratar de identidade e diversidade. Por essa razão, Nery ao abordar o transfeminino denuncia o tratamento dado aos transidosos, sobretudo àquelas que vivem da prostituição para sobreviver ao dar voz a elas e declarar:

Elas passam a vida investindo no corpo, para torná-lo belo e sedutor, com hormônios, silicone, cirurgias plásticas. No entanto, quando mais velhas, algumas recorrem a procedimentos para destransicionarem, ou seja, retiram os silicones e passam a se vestir de forma masculina. Optam por esse caminho não porque deixaram de se reconhecer enquanto trans, mas para serem aceitas em outros postos de trabalho, atendimento de saúde ou para terem apoio de algum familiar. E a prostituição, com a idade avançada, não é mais uma fonte de renda. (Nery, 2019, p.20).

A mesma realidade se prescreve para o homossexual idoso, principalmente a respeito daqueles que por muito tempo buscam aperfeiçoar o corpo a fim de não parecerem tão envelhecidos, porque a demarcação da aparência leva à desaprovação do corpo, que pode ser avaliado como inválido, não provedor de prazeres sexuais. À vista disso, Nery (2019), sujeito transmasculino explicita em sua narrativa o quão é resignada uma transfeminina, inclusive a

transidosa que, doravante, está sujeita a se exilar no anonimato ou propriamente falando, em se resguardar de volta dentro do armário. Desse modo, o homossexual velho e a lésbica idosa a desfiguração do rosto, o definhamento do corpo, alvos da rejeição e do esquecimento desses sujeitos e aprisionam-se em seus lares como se já estivessem mortos.

Pensar a velhice homossexual é analisar o outro lado da vida desses sujeitos, sobretudo para nos alertar acerca do sis(cis)tema que rege o corpo, o pensamento e o espaço social desde as instituições até o núcleo familiar. Embora pareça que não, foi o poder colonial que desistoricizou esses corpos em prol de um ideal que fomenta todo o seu interesse colonialista (Hall, 2006). Desse modo, varrendo sangrentamente do convívio aqueles que transgrediam, e, nisso, acreditou-se que um beijo entre casais homossexuais se põe muito mais em conceito de pornografia por fazer menção ao atentado ao pudor, e por esse lado cabe pensar: a que conceito de erotismo essa relação homoafetiva está vinculada? A devassidão? A sensualidade? Portanto, convém afirmar que “corpo é uma ficção política, forjada, tecida em dispositivos de gênero, sexualidade, idade, tamanho, forma, peso, raça (...). Mas outro corpo seria possível?” (Pocahy, 2012, p. 372).

2.1 A performance do gay idoso na historiografia da literatura

A performance é entendida como sendo atributo da identidade de gênero, isto é, um conjunto de caráter normativo, interpelativas, assujeitam o ser originando as práticas de gênero, inclusive diz respeito ao modo como o sujeito anda, se veste, fala e se comporta no meio social (Butler, 2018). Nesta perspectiva, a filósofa ainda sustenta que “‘sujeito’ masculino é uma construção fictícia, produzida pela lei que proíbe o incesto e impõe um deslocamento infinito do desejo heterossexualizante” (Idem, p.47). E, desse modo, questiona: “haverá formas de repetição que não constituam simples imitação, reprodução e, conseqüentemente, consolidação da lei (a noção anacrônica de ‘identificação masculina’ que deve ser descartada do vocabulário feminista)?” (Idem, p.51). Conseqüentemente, “(...) o gay é para o hétero não o que uma cópia é para o original, mas, em vez disso, o que uma cópia é para uma cópia” (Idem, p.52). Ou seja, esses sujeitos são interpelados a se transvestir de uma heteronormatividade que não lhes nasce propriamente, mas é introduzida ao seu corpo.

Essa nova representatividade literária personificada de um corpo social parece ter sua abordagem ou criação em plena modernidade de escrita pensada pelos atuais escritores a partir do momento vivido. Nos últimos anos, percebeu-se que a população de idosos, mundialmente, tem crescido, entretanto, nem todos se orientam pela heteronormatividade, fato que é nuclear

neste Trabalho de Conclusão de Curso, uma vez que nos interessa refletir acerca dos comportamentos, pensamentos e vivências de idosos LGBTQIAPN+. Porém, a investigação apontou que os homossexuais velhos não eram pensados e/ou representados na cena literária na Grécia Antiga, posto que, a pederastia consistia na relação entre um cidadão adulto e um outro adolescente e, quando este chegava à idade adulta a relação era interrompida e ele passava à condição de cidadão.

Retomando o modelo grego da relação entre pessoas do mesmo sexo, compreende-se a exacerbação das exigências por um corpo belo e juvenil, identificada na preocupação em demasia com a aparência do parceiro, com a idade, peso, cor da pele, tamanho do pênis e físico. Isso sucumbe o prazer e o interesse, dantes afetivo sexual, passa a ser então apenas comercial, uma relação aparente e que o metabolismo, a pele enrugada, a perda do apetite sexual, sobretudo nos homens geram a perda do desejo do outro (Nery, 2019). Por sua vez, pensar o corpo sob a perspectiva do caráter moral do sujeito é uma questão que ainda implica refletir o que mais interessa, satisfazer o prazer consentido entre ambos ou demarcar quem fará parte da nossa cadeia alimentar do prazer, uma corpulência mais nova, fresca e aprazível (Nery, 2019).

Não se pode desconsiderar que as bichas velhas não deixem de pensar dessa maneira porque o homem é um produto social e acabamos por reproduzir tais comportamentos de seletividade dos gostos desde muito cedo. Os próprios gays idosos reprimem a si por desejarem os mais novos e, reciprocamente, os homossexuais jovens reprimem os mais velhos por preferirem os gays ainda mais novos, embora pareça insustentável e inverossímil, a constatação é feita a partir da escuta de outros homossexuais e da consulta a páginas de relacionamento gay. Foucault (1999) ao discutir a problematização do prazer, sua constituição, padronização, performances corpóreas sustenta que o prazer resulta da preferência por uns e exclusão de outros, nisto, o homossexual velho de nosso século passou a ser excluído e malvisto.

O filósofo ainda traça uma descrição analítica na qual o homossexual idoso já fazia parte da vivência grega, valendo-se das teorias utilizadas no campo literário para a interpretação da produção literária que, no passado, já trazia representações do sujeito homoidoso. Conquanto, essa figura exaltada do homoidoso em correlação ao jovem homossexual foi se modificando em nossa sociedade para uma relação reconhecida hoje como prática homoafetiva, apontada por Caio Fernando Abreu (1982) em sua obra **Morangos Mofados**.

Acresce-se que a solidão do homossexual na terceira idade é uma problemática a ser pensada na literatura LGBTQIAPN+ por autores da contemporaneidade, como se nota nas obras de Natália Borges Polesso, Vagner Amaro e João Silvério Trevisan. Além disso, essa representação ainda que tardia é resultado de fatores sócio-históricos e culturais, porque não se

tinha a expectativa de vida como nos dias atuais e “projeções apontam que, em 2030, o número de pessoas idosas superará o de crianças e adolescentes de 0 a 14 anos em aproximadamente 2,28 milhões.” (Brasil, 2021, p. 4). Desse modo, pensar essa performance desempenhada pelo homossexual idoso é submetido, a princípio, implica considerar a solidão, invisibilidade, interdição da sexualidade, fragilidade do corpo devido às alterações metabólicas e outros estereótipos que participam da performatização do idoso.

Na literatura, a maioria dos autores não estão preocupados em como trazer a imagem desse gay velho para a narrativa de seu romance, conto, ou qualquer outro texto literário, senão apresentá-lo conforme a sociedade o vê, posto que o autor recria o mundo conforme suas ideologias (Barcellos, 2006). Por isso, ao situar a literatura LGBTQIAPN+ como uma literatura marginal ou mesmo uma literatura menor consoante defende o professor doutor Rubenil da Silva Oliveira em sua tese de doutoramento “REPRESENTAÇÕES DAS IDENTIDADES HOMOAFETIVAS NA PROSA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA: leituras da escrita de si” (2020) as representações LGBTQIAPN+ são escritas sob um código político de contestação à ordem social vigente. Nisto, a literatura reflete esses aspectos de modo realista, sem a interdição de outrora, agora, ainda em menor número, são corpos homossexuais que amam a si e ao outro, amar não significa apenas se relacionar sexualmente, mas cuidar, ter afeto como se nota nos contos “Marília acorda”, de Natália Borges Polesso e “Ela desatinou”, de Vagner Amaro.

Outrossim, a velhice com o tempo foi sendo avaliada como um marcador temporal no qual passaram a identificar pessoas que se enquadravam em certa posição aquele que já apresentasse trinta e poucos anos e/ou quarenta já estaria velho, uma vez que corpos gays afeminados como travestis e transexuais vivem em geral até os trinta e cinco anos (Jornal do Senado, 2017). Essa referência à faixa etária está submersa no estereótipo da juventude, da sexualização e da beleza dos corpos gays e qualquer corpo que não trouxesse essa ideia de valorização de um corpo jovem como ideal seria refutado, invisibilizado. Neste sentido, ressalta-se que à sociedade parece importar muito mais aceitar um homem idoso num relacionamento com uma mulher mais nova do que ter que aprovar, como se lhes coubesse esse tipo de decisão, do que a relação de um homossexual idoso com um outro mais jovem ou de mesma idade (Foucault, 1999).

Nesta perspectiva, convém ressaltar que no conto “O perfume de Olavo”, da coletânea **Eles**, de Vagner Amaro, narra o brutal assassinato das personagens homoidosas, Olavo e Jaime, inclusive escancara aos nossos olhos que um gay idoso não está isento da morte. Ao contrário, a idade já lhe é a demarcação desse infortúnio, não se trata de uma travessia tranquila, para os

homossexuais velhos é cruel, pois são corpos eleitos como matáveis, além da morte social, nessa fase, é iminente a morte física. Contudo, no caso das personagens supracitadas experienciamos um ato de resistência, pois, encontravam-se no direito de frequentar um bar e beber como assim faziam os demais franqueados, embora os dois sendo casados há 35 anos, não vacilavam quanto às demonstrações de afeto. Tampouco essa tática de evitar abraços e carinhos foram o suficiente para que os cruéis homofóbicos fregueses daquele local não desconfiassem.

Por um lado, a homossexualidade na velhice é um dos pormenores aos olhos da sexualidade e nisto, a realidade dos corpos gays velhos vai além de suas condições, num espaço diversificado da comunidade LGBTQIAPN+, principalmente, entre os homossexuais, um corpo que se bifurca em vertentes diferentes. Por exemplo, a questão que parece importar a qualquer sociedade entre dois homossexuais, sendo eles velhos ou não, é a posição sexual de ambos. Por outro lado, se esse homossexual idoso for ativo e, aparentemente, forte, musculoso e robusto, ele consegue ser aceito; já o mesmo não podemos dizer de um homoidoso passivo, pois este se encontra em uma situação de risco, por sua sexualidade, e principalmente, por conta da posição sexual. Por essa razão, cabe mencionar que:

As práticas de prazer são refletidas através das mesmas categorias que o campo de rivalidades e das hierarquias sociais (...). E pode-se compreender, a partir daí, que há, no comportamento honroso e que é valorizado de pleno direito: é o que consiste em ser ativo, em dominar, em penetrar e em exercer, assim a superioridade. (Foucault, 2022, p.263-264).

A relação afetivo-sexual entre um homem maduro e um jovem rapaz não era de modo algum banalizada ou ainda entre um ativo e um passivo dá mostras de que aquele que penetra ou que tem um corpo mais próximo do ideal de juventude ocupa uma posição superior. Nisso, um fator curioso na narrativa de Foucault acerca desse fato é o quão preocupante era a sociedade grega que um homem não fosse até a velhice um objeto de prazer, um passivo, mas que ao se tornar adulto e passasse ao papel de ativo, aprendesse com aquele que o dominou. Além disso, é interessante pensar a respeito do corpo gay àquele período, pois havia um impasse quanto a passividade de um gay, resultante da homofobia internalizada quando se pensava em preservar a figura do macho.

Na Grécia Antiga, a passividade de um homossexual é repudiada, hoje, ainda assim continua a ser reprimida veementemente entre os homossexuais velhos, a repulsa se destaca inclusive, no meio da comunidade LGBTQIAPN+. E, Foucault (1999), acredita que, não só a idade de um homossexual seja o principal refletor dessa invalidação de seu corpo, senão a velhice e a posição sexual desse indivíduo, o que torna o conflito ainda mais preocupante. Pois,

não sendo esse um sujeito dominador, quem se interessará pelo seu corpo? Quem irá sentir apetite sexual por tal corpo e satisfazer, ou saciar-se nele? Porque, em razão disso, até a personagem do maduro ativo assim como dirá Foucault (2022)) pode ser indesejado, mas o passivo o é muito mais, assim:

É igualmente em função dessa dificuldade que toda a atenção foi concentrada na relação entre homens e rapazes, posto que, nessa relação, um dos parceiros, por sua juventude e pelo fato de não ter ainda atingido um status viril, pode ser, por um tempo que se sabe breve, objeto aceitável de prazer. (Foucault, 2022, p.270).

Essa prescrição condiz com a busca de explicações para a solidão de um homossexual idoso tomando como orientação a posição sexual, se antes quando jovem cuidasse de ser o sujeito atuante, talvez poder-se-ia ainda ser aceito e não desprezado. Nesta perspectiva, a vida triste de um homossexual só cessaria caso fossem deleitados todos os seus prazeres, posto que desfrutar dos prazeres era condição necessária para atingir a felicidade humana, fato não sustentado na velhice, uma vez que o corpo velho não é mais desejado nem traz o apetite sexual, ele não serve mais como objeto de prazer. Por isso, entende-se que até certo ponto e quando um dos dois parceiros deve ser o objeto, “mas, por outro lado, o rapaz, posto que sua juventude deve levá-lo a ser homem, não pode aceitar assumir-se como objeto nessa relação que é sempre pensada sob a forma da dominação: ele não pode, nem deve, se identificar com esse papel.” (Foucault, 2022, p.270).

A homossexualidade foi pensada como um meio de divertimento, como uma inclinação, a qual os homens a viam como uma forma de dominação sobre outros corpos – aos quais eles mesmos marginalizam, espancam ou matam. Por diversas vezes Foucault repete a frase “objeto de prazer”, ao invés de considerar o “sujeito do prazer” ou sujeitos do prazer, porque ambos atendem às suas necessidades sexuais, ou seja, deve-se então compreender como uma relatividade de prazer, e descolonizar a epistemologia dominante e submissa. Ademais, tudo que o autor de **O Uso dos Prazeres** disse, faz refletir sobre o processo da homonormatividade, àquele de não ser o objeto do prazer, mesmo experimentando certo feito, deve ser o dominador do prazer do outro. Isso corresponde aos homossexuais velhos como uma forma de sobrevivência, pois um(a) gay afeminado(a) está numa zona de risco da qual não é afetado apenas pela sua posição sexual, a passividade, inclusive, por seus estereótipos.

Toda sorte de idoso queer, lésbica, viado, trans ou outra identidade dissidente está entregue à literatura, à mercê da própria sorte, pois esses corpos são traçados literariamente de forma precária semelhante à imagem de si, ou como são vistos, com os olhos das colonialidades de poder (Alves, 2010). Também, para a maioria dos estudiosos a velhice é o apogeu da vida

em que tudo cessa, tudo morre, os sentimentos, o tesão, também é nesta fase que fomos orientados a olhar para o corpo e desprezar nele tudo o que não alude à produtividade e força, elegendo-o como matável. Não há coisa alguma que seja aprazível nesse sujeito, senão desprezível, abominável, nisso, portanto, a velhice de um gay na literatura é apenas aquilo que o intersecciona: esquecimento, marginalidade e morte (Nery, 2019)..

Em razão, do afetivo-sexual oposto, idade e estereótipos, assim, evidenciamos que “a bicha velha”, a efeminada, é a que está mais suscetível à violência considerada assediadora, inclusive porque não se recolheu ao seu armário e silenciou sua sexualidade (Maki, 2005). Também, entende-se que a volta ao armário do gay velho é uma morte social, que coloca seus corpos em reclusão, posto que esse esquecimento, rejeição e aparente silenciamento do amor é uma negação do prazer para reforçar de que o corpo do gay velho não desperta a atenção do outro (Santos; Lago, 2013). Assim, a partir da leitura dos volumes de **História da sexualidade**, de Michel Foucault (2022) há um biopoder que age sobre os corpos, prazeres e sentimentos, inclusive determina o padrão, o estilo de corpos aceitos para determinado espaço. Sendo assim, precisamos de uma descolonização do saber acerca da figura do homoidoso como se não sentir mais prazer depois da juventude seja sinônimo de defeito ou invalidez (Sedgwick, 2007).

2.2 Performances da solidão da velhice LGBTQIAPN+ na literatura

Ao nos lançar sobre a investigação da velhice da população gay na cena literária observamos poucos trabalhos acadêmicos sobre tais sujeitos, pois são corpos invisíveis e que não despertam o prazer, assim, a velhice parece correlacionada com a negação, a morte, o esquecimento, aquilo que não importa mais. Neste sentido, deparamo-nos com um ser solitário, comum ao que é ser velho, gay ou lésbica, a princípio, a velhice foi percebida como o último estágio da vida, e se consideramos o homossexual idoso, vimos repúdio e discriminação, o que pode empurrá-lo para o anonimato.

Acrescenta-se que ao lançarmos o olhar para o corpo envelhecido de gays idosos, notar-se-á também um olhar de desdém, que não fica preso apenas ao etarismo e homofobia em conjunto. À vista desse comportamento social, concluiu-se que para o físico de um homem/mulher homossexual recai o julgo discriminatório sob o signo do adoecimento, isso nos traz à lembrança o termo *cacura* que designa a discriminação de homossexuais com idade igual ou superior a quarenta anos, inclusive dentro da comunidade gay, pois são considerados como os que já passaram da idade (Rocha, 2020, p.37). Por outro lado, considera-se a velhice de homossexuais uma sublime evasão de purpurina, ou seja, o espírito homoafetivo e ao fim de

tudo, o homossexual idoso é vítima daqueles que veem o seu corpo como sinônimo de espurcícia, indecência e, óbvio, sexualidade (Bataille, 1988).

A solidão na velhice de alguns homossexuais é em razão da ausência do prazer, porém, não há como se certificar apenas desse fator, nem mesmo em razão do isolamento por não constituir família antes da velhice. Por outro lado, a separação da família para viver a homossexualidade camuflada na juventude pode levar o sujeito à internação forçada em um asilo, uma vez que este seria considerado débil como ocorreu com Olavo no conto “Ela Desatinou”. Logo, a solidão, ou o isolamento sempre fez parte dos idosos homossexuais, seus armários sempre tiveram cerrados, são corpos que estão constantemente em punição, castigados pelo fato de serem diferentes do corpo idealizado, sujeitos desnaturalizados, anormais. Por fim, pouco se sabe/escreve sobre esses homossexuais idosos em nossa literatura desde o conto de Trevisan (1976) “Amigo do Meu Tio” que foi censurado no período da ditadura-militar, e que deveriam estar resistindo mesmo que em um “movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas” (Candido, 2010, p. 34).

Por solidão entende-se “fonte de sofrimento significativo, associando-se à redução da qualidade de vida e ao aumento da morbidade e mortalidade” (Rodrigues, 2018, p. 334), e tem como causas fatores intrínsecos e extrínsecos, sendo a sua manifestação dependente das relações sociais experimentadas pelo sujeito. Neste sentido, é preciso discutir os impactos desse índice de adoecimento psíquico na população LGBTQIAPN+, sobretudo naqueles com mais de 60 anos, inclusive os fatores que contribuem para o crescimento e prevalência da mesma. Por isso, menciona-se: “O aumento nas últimas décadas do isolamento e da solidão poderá dever-se ao envelhecimento populacional, ao aumento das taxas de divórcio, à maior mobilidade geográfica e à diminuição progressiva das dimensões das famílias.” (Rodrigues, 2018, p. 334).

Observa-se que uma das causas do divórcio embora não constante no excerto é o desejo de viver o afeto sufocado durante a fase juvenil ou mesmo adulta, uma vez que a heterossexualidade compulsória sempre exigiu do sujeito o cumprimento de um papel de gênero demarcado pela sociedade patriarcal (Caulfield; Martins, 2017). Sobre o conceito de gênero e seus papéis declara-se: “é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. Consequentemente, o gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância — isto é, constituinte da identidade que supostamente é.” (Butler, 2018, p. 44). Nisto, expressa-se a obrigatoriedade do casamento heterossexual a fim de que possam reproduzir, performar os resultados esperados pela sociedade e, diante do fim de um casamento heteronormativo para um homoafetivo ou ainda diante do fato de se identificar gay ainda na juventude como implícito nos contos - “Ela

desatinou”, de Vagner Amaro e “Marília acorda”, de Natália Borges Polezzo - respectivamente.

Por essa razão, reitera-se:

A falta de visibilidade e representatividade voltada às questões da velhice LGBT podem estar relacionadas com o meio social em que as presentes coortes estão. Uma das características cruciais da sociedade capitalista atual, a qual o mundo está imerso, é o entendimento do novo ser sinônimo de produção, desse modo, associa-se aquilo que não é novo às questões de inutilidade e incapacidade, leia-se aqui os idosos. Assim sendo, tudo aquilo que não produz é colocado à margem, seja do trabalho, da família ou do desejo. Todavia, é necessário entender que a velhice não é condição para a ausência da sexualidade de um indivíduo, ou mesmo um elemento para se colocar estes sujeitos à margem da sociedade. Mas, a presença de uma sexualidade e visibilidade aos atores sociais partícipes da velhice LGBT é um elemento importante para um melhor desenvolvimento nesta fase [...]. (Gomes *et al*, 2020, p. 54).

A início de tantas representações e, ou discussões sobre a solidão de personagens homossexuais velhos da literatura, importa recorrermos ao berço da nossa maior representatividade da homossexualidade antiga, a Grécia, onde a homossexualidade se fez presente e perpetuou-se desde então. Embora Safos não seja uma figura fictícia de uma obra literária, é necessário mencioná-la aqui devido à sua poética a respeito da lesbianidade e velhice, que, aliás, em seu ponto de vista se trata muito mais espaço vazio e silencioso, um lugar sem sentido, que por ser mulher lhe impossibilitava de viver as paixões de adolescência por quem realmente lhe interessava, uma outra mulher. Nesta perspectiva, cabe considerar a solidão como sendo “um constructo biológico semelhante aos estímulos desagradáveis como a sede ou a dor física que são essenciais para se recuperar o equilíbrio homeostático e, no caso da solidão, a homeostasia social.” (Rodrigues, 2018, p. 336).

Desse modo, o descontentamento de muitos/as idosos/as homossexuais se encontra principalmente em perder os anos para satisfazer desejos que não são nossos e nunca nos pertenceram e que tudo aquilo que se fez não passou de meros caprichos para agradar a família, ora com a primeira namorada, o casamento e o primeiro filho, assim como as outras. Tudo isso só parece fazer sentindo após cumprido todos esses deveres, que de fato será quando o sujeito perceberá que viveu uma vida que não era sua, e de que seu corpo não foi apenas educado, mas sim controlado. Em **Testamento de Jônatas Deixado Para Davi**, Trevisan (1976), no “Contos Para Fadas”, traz a figura de um anjo da guarda de uma certa velhinha não lésbica que denuncia sua infelicidade durante juventude por ter sido aquilo que não era para ser, porque de certo modo, poderia ao menos ter vivido sua verdadeira identidade e outras implicações de uma vida com alguém que de fato amasse ou sozinha, e não ter cumprido rótulos, desejos alheios. Assim, Trevisan dá voz ao anjo, que diz:

– O amor, por exemplo. Teus amigos diziam que te amavam, tua família também e dizem que Deus também, não é? E o que aconteceu? Só te fizeram chantagem a vida inteira, com essa de te amar. Te amavam pra que você fosse como eles queriam, e assim te mantiveram numa prisão.

Porque pra amar eles você tinha que fazer sempre a vontade deles, percebe? E daí, neça de você mesma e de teus peidos deliciosos, divinos. Não é mesmo, velhinha gostosa? Falei, não? (Trevisan, 1976, p.104).

Neste conto, João Silvério Trevisan, embora não aborde de modo direto a vida homoafetiva, centra a discussão na velhice a partir da imagem da “velhinha” enquanto reflexo da solidão, ausência da beleza, do amor por conveniência, uma vez que a família e amigos só a queriam se ela tivesse os comportamentos que eles viam como ideal. Neste sentido, percebeu-se que há, nos comportamentos da personagem a força do patriarcado, a qual se sobrepõe ao individual e, por isso, a personagem negligencia na juventude a sua identidade afetivo-sexual, isto é, o patriarcalismo é tão superior que leva o sujeito ao apagamento de si, uma vez que não teve filhos, não casou, restando a velhice e solidão como companheiras. Por essa razão, convém sustentar que a solidão pode estar relacionada ao “sentimento de não pertencimento aos grupos e a busca incessante pela felicidade, que só é encontrada na perfeição (o relacionamento perfeito, o trabalho perfeito, a vida perfeita, que logicamente é inalcançável) causam sensação de frustração e insatisfação.” (Santos; Gregório; Rosa, 2021, p. 324).

A verdade implícita na obra Trevisan explica a realidade dos demais homossexuais idosos da atualidade, que depois de ter performado outra identidade busca reaver o tempo perdido de viver seu eu gay, seja através de uma paixão ou de uma aventura sexual. Porém, em se tratando destas duas últimas performances em obras literárias o amor por vezes passa a ser negociado como percebido na relação de Otávio, bissexual idoso, com Denise, transformista negro, no conto em “Ela Desatinou”, de Vagner Amaro. Outros contos da literatura brasileira - “Marília Acorda”, de Natália Borges Polezzo; “O amigo do meu tio”, de João Silvério Trevisan e “O perfume de Olavo”, também de Vagner Amaro - abordam a solidão na comunidade gay na terceira idade, fato que os desumaniza e os destitui da condição cidadã.

Em contínuo, muitos buscam definir amor, fantasiando-o, mas uma relação entre sujeitos não pode ser definida porque não passa de consenso entre dois indivíduos, isso de fato quando se aplica entre ambos. E, continuando a reflexão acerca da solidão dos gays idosos, menciona-se que Encólpio, em **Satíricon**, de Petrônio (2001), expõe seu pensamento acerca do corpo homossexual envelhecido, Eumolpo, à época chamado de *erasta*. Na visão da sociedade da obra de Petrônio (2001), o homossexual idoso não passa de um tentador mal-intencionado capaz de se vender para reter aquilo que lhe escapa, pois Gitão, o *eromenos*, resistia-lhe às suas tentações por ser devoto a seu amado Encólpio. Acresce-se que a tentativa de Eumolpo de se

juntar a Gitão é uma maneira para fugir da solidão por meio de tentativas fúteis como comprar a paixão do outro, por isso muitos homoidosos passaram a ser vistos como prostitutas que se vendem em troca de prazer.

O retrato do homem idoso em relação a um eromenos, hoje, é visto como impuro, mas o modo como esse indivíduo demonstra desejo de conquistar o prazer faz com que seja interpretado como um sujeito mal-amado, isso se dá em razão da exclusão desse corpo. Desse modo, a solidão da homossexualidade na velhice não é vivenciada da mesma maneira que se vivida por um jovem homossexual, uma vez que corpos velhos são corpos estigmatizados, subalternizados, inferiores. Por sua vez, essa desigualdade de faixa etária ao invés de ser enxergada como o menor dos problemas, torna-se cada vez mais preocupante, porque velho e gay, ativa automaticamente em nossas mentes o sinônimo de isolamento; segregação, inaproveitável.

Considera-se também que a solidão da velhice homoafetiva além de ser usada para fins proveitoso do uso do prazer, pode ser interpretada como espaço atemporal para a memória. Apesar da estereotipação do gay velho que ainda sente tais desejos em satisfazer suas necessidades sexuais, sua forma de carícia pode mudar com o tempo como passaremos a observar em **Satíricon** (2001), ao analisar que o comportamento de Eumolpo e suas intenções em relação a um outro sujeito estão voltadas ao não toque do corpo, mas em se dedicar ao amante, tendo-o como um refúgio do tédio. Também se aponta que a velhice homossexual tem sido resumida à memória, sobretudo no fato de que aquilo que não se pôde ser enquanto lhe foi permitido em um tempo irrecuperável, mesmo com alguns obstáculos, e não se colocar nesta posição de enfrentamento ao etarismo e homofobia é ratificar essas práticas delituosas.

Esse outro “eu” do homossexual idosos se desenha na vida de Evelyn, no romance estadunidense, **Os Sete Maridos de Evelyn Hugo**, de Taylor Jenkins Reid (2019) que narra as peripécias sexuais vividas por Evelyn Hugo, para esconder a bissexualidade. Além disso, esclarece que a identidade negligenciada por muito tempo pode resultar em uma perda de interesses aos olhos daqueles que desejamos, restando a memória de culpa, porque, do contrário, se não houvesse tamanha preocupação em preservar a imagem de filho correto, mulher recatada e tradicional por completo, dividindo-se em relação a um outro eu, podendo a qualquer momento se desencadear. Também fica evidenciado o medo da solidão, as alterações do organismo, inclusive o aparecimento de doenças, como visto no diálogo a seguir.

Celia não estava nada bem. Sua saúde estava se deteriorando. Ela não tinha muito tempo. “Eu sei que não deveria”, ela me disse uma noite quando estávamos deitadas

no escuro, antes de dormir, “mas às vezes fico furiosa com a gente por todos esses anos perdidos. Por todo esse tempo desperdiçado”.

Eu segurei sua mão. “Pois é”. Respondi. “Eu também”.

Quando você ama alguém, precisa estar disposta a superar tudo”. Ela continuou. “E a gente sempre se amou tanto, mais do que eu me considerava capaz de amar e ser amada. Então por quê? Por que a gente não superou tudo?”

“Mas a gente superou, sim”. Falei, me virando para ela. “Estamos aqui juntas”.

Ela sacudiu a cabeça. “Mas todos aqueles *anos*”, ela insistiu.

“Nós somos duas teimosas”, falei. “E não estávamos exatamente preparadas para dar certo. As duas estavam acostumadas a dar as cartas em tudo. E a gente achava que o mundo girava ao nosso redor...”

“E ainda precisava esconder que era gay”, ela completou. “Ou melhor, que eu sou gay. E você, bissexual”.

Eu sorri no escuro e apertei a mão dela.

“O mundo não facilitou nem um pouco as coisas para nós”, ela disse.

“Acho que a gente queria uma coisa que não era nada realista. Tenho certeza de que teria dado certo numa cidadezinha qualquer. Você dando aula. Eu trabalhando como enfermeira. Assim tudo teria sido muito mais fácil.”

Senti Celia balançando a cabeça negativamente ao meu lado. “Mas nós não somos assim. Nunca fomos e nunca conseguiríamos ser.”

Eu concordei. “Acho que ser quem a gente é – de verdade, e por inteiro – sempre vai ser exigir nadar contra a corrente.”

“Pois é”, ela disse. “Mas, levando em conta os últimos anos, também é meio que como tirar o sutiã no fim do dia.”

Eu dei risada. “Eu te amo”, falei. “Nunca me abandone”.

“Eu também te amo. E nunca vou te abandonar.” Mas, quando ela disse isso, nós duas sabíamos que era uma promessa impossível de cumprir.

A ideia de perdê-la de novo era insuportável, e seria uma perda ainda maior e mais profunda que as anteriores. Eu não conseguia nem pensar na hipótese de viver sem Celia para sempre, sem nenhum laço me ligando a ela. (Reid, 2019, p.320).

O fragmento acima analiticamente traz um momento voltado para a memória como assim Célia e Evelyn vão revisitando o passado para repensar o tempo perdido em busca da felicidade de viver o amor que sentiam uma para com a outra. Neste sentido, a sensação de perda de ambas faz com que essas memórias sejam resgatadas de forma como se o único momento de confessar suas paixões fosse na velhice, longe das câmeras, da fama (em consideração de que as duas eram atrizes), completamente isoladas. Mesmo em circunstância de solidão de uma velhice homoafetiva numa cama ao lado de sua amada, Célia reforça que a sexualidade delas por muito tempo foi silenciada por fatores externos e internos, de modo que se sente aliviada em estar longe do meio social e da idade que agora tem.

Por essa razão, a abordagem analítica descritiva de obras que representam a homossexualidade de homens e mulheres trazem consigo contextos complexos de espectros de vidas completamente diferentes, que, por si só, parecem ter vidas próprias ao interpretar ficticiamente outras que não foram tão fáceis de serem compreendidas. Enfim, foi preciso que outros seres além do fenômeno da natureza fossem transcritos em obras literárias, expressando universalmente diferentes sujeitos em lugares também diversos e com experiências de sexualidades distintas que se traduzem e tornam-se compreensíveis.

3 CARTOGRAFIAS DA VELHICE HOMOSSEXUAL: uma leitura de três contos psicológicos à luz dos estudos culturais

Este capítulo propõe trazer uma análise literária acerca de alguns contos estudados ao longo do período de pesquisa e construção desse trabalho conforme definido na metodologia e no cronograma da investigação. Por isso, os três contos selecionados são elementos fundamentais com vista neste tópico a descrever a imagem do(a) idoso(a) gay/lésbica ao longo dos últimos anos na literatura e na sociedade, contudo, à luz de exemplificar como que esses sujeitos se veem e aceitam-se diante de uma sociedade que é pertinaz em ser homofóbica.

Os contos escolhidos são de autores diferentes, portanto, escritos em períodos divergentes. Neste sentido, os contos, “Ela desatinou”, de Vagner Amaro (2018), “Marília acorda”, de Natália Borges Polezzo (2015) e “O amigo do meu tio”, de João Silvério Trevisan (1976), foram os que melhor atenderam aos objetivos pretendidos. Por ser um estudo centrado na abordagem dos estudos culturais surgiu a ideia de uma cartografia na perspectiva literária, posto que o objetivo geral do estudo foi analisar a representação de corpos *queer* idosos.

O percurso da investigação apontou que a os processos culturais estão ancorados ao colonialismo de sexualidade, gênero e raça, uma vez que “a cultura como estratégia de sobrevivência é tanto transacional como tradutória” (Bhabha, 2014, p.241), isto é, a cultura é readaptada, traduzida, para o nosso tempo. Acresce-se ainda que “ela é transnacional porque os discursos pós-colonialistas contemporâneos estão enraizados em histórias específicas de deslocamento cultural” (Bhabha, 2014, p.241), isto é, passa de um lugar para outro. Desse modo, a homofobia e etarismo presenciados e reproduzidos não foram construídos no presente, mas no processo colonizador que transitou por quase todo o mundo, fomos invadidos por seu heterocistema que segregou corpos homoafetivos idosos, negros e mulheres devido ao seu modelo padrão que não permitia a existência desses sujeitos.

A sexualidade da pessoa idosa sempre foi vista como inimaginável (Britto da Motta, 2004), uma vez que outrora nem se chegava a envelhecer dado às condições de sobrevivência como citado no poema cabralino “a morte de que se morre/ de velhice antes dos trinta”, não havia perspectiva de uma vida longa. Também as representações homossexuais sempre foram corpos esculturais e juvenis, o contrário disso, só nas relações pederásticas nas quais um homem adulto cortejava a um adolescente, por exemplo, no conto “O menino do Gouveia”, de Capadocio Maluco ou mesmo em Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha. Enfim, agora, passamos

ao exercício nuclear do nosso Trabalho de Conclusão de Curso, a análise dos contos, sob a perspectivas da expressão desses corpos idosos homoafetivos.

3.1 Velhice e homossexualidade-silenciada em “Ela desatinou”

A homoafetividade na velhice para muitos seria quase inimaginável, pois se imagina as dissidências sexuais como ligadas ao ato sexual e a velhice como a fase da vida em que os sujeitos são assexuados, assim, comportamentos como desmunhecar, ausência de voz grave e não apresentar a parceira passam a ser índices da identidade gay. Neste sentido, vê-se uma linha tênue natural da vida, na qual a memória assim como a solidão são traços que circundam as identidades individuais daqueles que envelheceram e nesta, embora falem de si, sacrificaram aquela identidade em nome desta, uma vez que sexualização do corpo envelhecido é aprisionada no armário. Nesta perspectiva, cabe mencionar:

O mito da velhice assexuada também assola o entendimento da velhice LGBT. A repressão voltada às práticas não heterossexuais, como o preconceito vivenciado por essa população ao longo da vida, faz com que haja uma falta de contato e informação sobre essas práticas pelo próprio público. Desse modo, entender que a sexualidade na velhice está para além de apenas atos sexuais, ressignificar o conceito utópico de uma velhice heteronormativa presente atualmente e dar visibilidade às questões recorrentes desse público se mostram como uma resposta ao desconhecido [...] (Gomes et al, 2020, p. 54).

A experiência da velhice de homossexuais às vezes é vista como nojenta em se tratando de seu comportamento psíquico e emocional em querer se relacionar, viver um novo amor, o qual possa devolver-lhe a felicidade, o sorriso no rosto, uma outra dinâmica para a vida. Acresce-se que quando o sujeito idoso e homossexual decide que deve viver um relacionamento o grupo social do seu entorno sustenta que ele estaria velho e louco por se sentir na condição de viver ou desfrutar seus desejos sexuais, o que é visto como um ato de agressão à psiquê desse sujeito. Por essa razão, ao realizar uma certa reprimenda ao corpo gay idoso reforçam a ideia de que o desejo/atitude desse sujeito é uma loucura causada por sua memória, numa tentativa de invalidar o indivíduo, pois, “[...] os pontos de reflexão se concentram na idade, no sentido existencial, nas personalidades na auto-estima” (Veras, 2000, p.9).

O sujeito homoidoso não esquece de si mesmo porque de certa forma seu corpo está presente, os seus sentidos ainda estão vivos, nada lhe impede de ainda viver, apenas a memória desencadeadora da solidão é que não lhe permite reconfigurar o que se passou, com essa necessidade então surge a vontade de se tornar concreto a verdade de si. Nesta perspectiva, toma-se como ponto de partida a análise do conto “Ela Desatinou”, de Vagner Amaro, o qual

apresenta a personagem Olímpio, sessentão que busca satisfazer seus desejos homoafetivos e; Denise, transformista negra, antes Denis, que enfrenta todo um sistema discriminatório desde o espaço familiar, político e no local de trabalho. Inicialmente, a impressão deixada pelo narrador observador a respeito de Olimpo, sobretudo ao se referir à idade, um sujeito tão mais velho do que o natural do corpo, entretanto, capaz de enxergar a alma de Denise, alguém que detém a sabedoria apenas no olhar, conforme lido no fragmento que segue.

Denis saiu correndo do banheiro, chorava, seu corpo grande de menino que acabara de abandonar a adolescência, mesmo que se esforçasse para que não, tremia. Saiu do hospital, atravessou a rua, parou em frente, e, enquanto se acalmava, ouviu uma voz mansa, segura e madura ao seu lado, “Quer um café?”; ao se virar, viu um senhor, sessentão, olhando fixamente nos seus olhos, era a primeira vez que alguém o olhava. (Amaro, 2019, p.55).

É perceptível que de início o nome de Olimpo não é declarado de primeira instância, mas a característica, sim; e isto se deve em razão de que a exterioridade desse sujeito muito diz sobre si, ou, melhor dizendo, muito importa do que o nome que carrega. Mas também, torna-se nítido ao decurso dessa narrativa que Olimpo ainda performatiza consigo o perfil da masculinidade sem deixar tão explícito seu lado homoafetivo. Isso remete à voz, ao modo de falar, e por que essa parte é fundamental? Por certamente ser um elemento preciso do corpo que pode fazer com que se desmistifique evidências, ou em outros casos concretizar essas dúvidas. Logo, “ouviu uma voz mansa, segura e madura ao seu lado (...)” (Amaro, 2019, p.55). Desse modo, vê-se que o corpo de Olímpio não se enquadra num certo modelo de padrão desejável, porém é um corpo que configura um meio de ascender socialmente, por seu porte educado e desperta interesse, como notado em:

Há homens mais velhos que envelheceram sem as condições requisitadas pelo “envelhecimento ativo”. Eles não atenderam às expectativas. Estão doentes, dependentes, com limitações de muitas ordens. São sujeitos que subvertem, em alguma medida, as normas que legitimam e reclamam uma velhice positiva. Por outro lado, há um conjunto de homens com quase sessenta anos, que ainda consegue transitar com êxito em uma atmosfera de práticas e relações, que podem ser lidas como de algum protagonismo afetivo, erótico e sexual. (Passamani; Duque, 2017, p. 84).

Em seguida, é possível conhecer outras particularidades sobre Olimpo com o olhar voltado para o corpo e toda a figuração da velhice traçados em seu rosto, “Olimpo já trazia na pele as manchas da velhice, os olhos pareciam meio opacos, mas os dentes eram feios e proporcionavam um sorriso que, em alguns momentos, até parecia jovial” (Amaro, 2019, p.55). Também, as rugas e outras partes complementares que compõem o rosto de um sujeito velho, são designados pelo narrador de “manchas da velhice”; os olhos que trazem consigo marcas do

cansaço da longevidade da vida são considerados ‘opacos’, contudo, o sorriso parece ser a única complacência que Olimpo não pudesse ter perdido.

O ato de narrar sobre os marcos temporais de Olimpo assemelha-se com o efeito de resgatar memórias; algo que se passou, e já não se pode viver mais. Antes de qualquer coisa, qualquer assunto que seja, Amaro (2019) faz uma breve menção peremptória a um acontecimento que nos escapa aos olhos, o lugar em que sujeitos como Olímpio, já velhos e cansados da heteronormatividade, podem estar. Assim, Olímpio começou a circular com Denis nos lugares mais interessantes e exóticos da cidade, parecia que lhe queria ensinar algo, que Denis não sabia ao certo o quê. Circulavam por bares e boates.” (Amaro, 2019, p.56).

O fragmento anterior descreve o hábito que muitos homoidosos possuem entre sair à noite ou à madrugada para encontros “obscuros” com outros homossexuais, inclusive poucos desses, pois esse comportamento é típico dos mais jovens (Barcellos, 2006). Também se acredita que eles escolhem a noite, porque se sentem livres para serem que são uma vez que a noite e a sua escuridão apresentam a ideia de silêncio e segredo (Barcellos, 2006). Cabe ainda ressaltar que os homoidosos não buscam se relacionar com homossexuais de faixa etária distinta em razão de quererem sentir um corpo igual ao que o seu já foi, mais jovem e de alma pueril a fim de que consiga mascarar o destempero sem graça de uma solidão física e/ ou emocional que a velhice lhes proporciona.

O processo de assumir a homossexualidade, está diretamente ligado ao processo de construção de identidade homossexual. Isso ocorre em virtude de a angústia da descoberta da homossexualidade pelo indivíduo provir da consciência da rejeição que ele irá sofrer, e não da descoberta em si. (Tirelli, 2011, p. 84).

A obra revela que a transformação de Denise em nada desconfortou Olímpio, pelo contrário, sua feminilidade não deixava resquício algum da sua masculinidade, e Olímpio passou a apresentar Denise como sua companheira, e passavam a frequentar espaços públicos e importantes. Desse modo, a mudança de Denis para Denise poder-se-ia considerar um alibi para a ocultação de sua verdadeira identidade, assim, o narrador declara:

Denise era um acontecimento. Olímpio não se incomodou com a transformação de Denis e Denise; havia sido casado por décadas com uma mulher, tinha até netos, que pouco o visitaram; tratou logo de convidar Denise para morar com ele; inventaria que ela era sua assessora, o que não queria era perder sua paixão. Em pouco tempo Denise deixou de ser apenas uma expressão artística, e no dia em que pisou na casa do marido, via-se uma mulher. (Amaro, 2019, p.56-57).

Para Olímpio era agradável que Denise já performasse, estando em sua casa, a figura de uma mulher, assim como ela mesma se sentia, ao ponto de ser considerado também marido de Denise. Enquanto para Olímpio, Denise seria sua assistente. Isso evidencia que Olímpio

buscava lidar com Denise mascarando-a a fim de que não o descobrissem como gay, visto que era um homem importante na região do Rio de Janeiro, era pai e avô. Contudo, mesmo já velho Olímpio não se auto reconhece homoafetivo embora o narrador declare que Denise passa a ser sua paixão, não se encontra nenhuma declaração acerca da identidade sexual de Olímpio sequer o leitor se depara com relatos memoriais do personagem. Por isso, assevera-se que:

[...] uma vinculação desse processo de “assumir” um sexo com a questão da identificação e com os discursos pelos quais o imperativo heterossexual possibilita certas identificações sexuadas e impede ou nega outras identificações. Esta matriz excludente pela qual os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são “sujeitos”, mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. (Butler, 2000, p.112).

Um outro reflexo abordado em sequência das últimas narrativas sobre Olímpio na obra de Amaro (2019), com propósito de desencadear a reflexão acerca do tratamento de Olímpio com Denise no momento íntimo de ambos, volta-se ao caso de que os dois não se relacionavam sexualmente. Assim sendo, é-nos preciso recordar o fato narrado, conforme indica o excerto seguinte:

O carinho e os cuidados de Olímpio compensaram o fato de ele estar bem distante do homem jovem que ela era fantasiava como marido ideal para a sua vida. O velho tinha a estranha mania de dormir com as mãos em concha, guardando o fruto de que Denise não fazia uso. (Amaro, 2019, p.57).

Conforme visto no fragmento anterior a relação de Olímpio e Denise demonstra que o desejo de um corpo mais velho desferido pelo tempo está voltado para um outro mais jovem, quente e lascivo para compensar a tristeza, a escuridão, em que se encontra o homoidoso. Por essa razão, para Olímpio um sujeito à flor da idade carrega consigo o símbolo da alegria, da jovialidade, da saúde, aquele que não carrega a miséria, o esquecimento, o apagamento das forças e da beleza.

Em contrapartida, essa relação pode ser vista com maus olhos ao ponto de ser censurada sem nenhuma prévia de conhecimento sobre a vivência de dois sujeitos de idades diferentes, dito assim, poder-se-ia considerar esse envolvimento incabível ou desprovido do amor ou até mesmo um abuso sexual. Isto por tratar de uma relação homoafetiva entre um homem mais velho com um bem mais novo e não se observa o mesmo tratamento quando da relação heterossexual de um homem velho e uma mulher jovem, porque dir-se-ia em primeira instância que a mulher deixou-se seduzir. Assim, em relação a essa naturalização heteronormativa

entendida entre sujeitos de idade diferentes reflete o motivo ‘pelo qual “a compreensão do social não foi completamente desnaturalizada e os resquícios de essencialismo na teoria social permanecem em um conceito (ou pressuposto) que perpassa a maioria de suas correntes até nossos dias: a normalidade.” (Miskolci, 2009, p. 162).

De todo modo, essa então afetividade em se tratando de homotransfobia passa a ser interrompida como uma punição que procede da família enquanto dispositivo de controle do corpo de Olímpio e dos seus sentimentos homoafetivos por uma transformista negra - Denise. Olímpio não se permitiu vivenciar em outro momento, adolescência/juventude, a homoafetividade para preservação do status de heterossexual de bem diante de um grupo familiar, até porque fazia parte de um núcleo de classe social rica. E, agora, que se encontra já velho tentando vivenciar esta identidade que sempre lhe pertenceu e, neste momento está a se descobrir, silenciam-no. Por se tratar de um envolvimento com um corpo trans e se perguntar – Olímpio é gay? Pode-se presumir o motivo que levou a família do então homoidoso a prendê-lo num asilo.

A narrativa mostra que a prisão forçada de Olímpio num asilo não foi por preocupação com a segurança do corpo dele ou mesmo com a saúde e bem-estar, mas como uma forma de silenciamento da manifestação de sua homossexualidade. O ato expressa, em primeiro lugar, uma agressão contra um corpo idoso que não aparenta estado de adoecimento ou fraqueza corporal, apenas as mudanças visíveis pelos sinais do tempo, cabelos grisalhos e a idade, além de se encontrar em estado de sã consciência. Nesta perspectiva, assume-se que “o corpo doente na velhice não é mais o mesmo, estando esfacelado na pluralidade de suas identidades. O desafio para a pessoa idosa é superar a vivência da ruptura biográfica, transformando o tempo da descrição densa da vida na conexão do presente com o passado e o futuro.” (Santos; Giacomini; Firmo, 2018, p. 4282).

Se por um lado Denise “em alguns momentos tinha nojo quando a boca úmida de Olímpio e seu cheiro de perfume antigo se aproximavam” (Amaro, 2019, p.52), no entanto, “com o sumiço de Olímpio, Denise viu morrer alegrias, e seu elogiado número cantando ‘Ela desatinou’ passou a angustiar quem assistia a apresentação” (Amaro, 2019, p.57). Essa repulsa de Denise ao toque de Olímpio desaparece quando considerado o afeto e a companhia que este tinha para com ela e nisto fica evidenciado o valor e a importância de Olímpio em sua vida, inclusive que só o sexo não era o suficiente para uma relação afetiva e conjugal.

Desse modo, o comportamento de Olímpio destoava dos comportamentos abusivos dos demais homens “até bem bonitos, se aproximavam; eles mordiam os lábios e miravam na diagonal” (Amaro, 2019, p. 54), não tinha curiosidade em explorar o corpo de Denise com más

intenções, somente desejava se confortar ao seu lado. O narrador detalha essa lembrança que Denise apresenta daquele, porque, de certo, “com Olímpio tinha companhia” (Amaro, 2019, p.53), e, este, diferente de alguns poucos namorados que Denise conseguiu ter uma relação, tornou-se “seu único relacionamento duradouro” (Amaro, 2019, p.51).

O relacionamento homoafetivo na velhice apresentado nesta obra traz consigo uma reflexão acerca do quão significativo pode se tornar o envolvimento de dois corpos de idades semelhantes ou diferentes sem a necessidade de tornar o “sexo” o meio importante do companheirismo. Porque, até então, “se os velhos manifestam os mesmos desejos, os mesmos sentimentos, as mesmas reivindicações que os jovens, eles escandalizam; neles, o amor, o ciúme, parecem odiosos ou ridículos, a sexualidade repugnante” (Beauvoir, 2018, p. 10) e, por fim, a sexualidade do idoso pode encontrar caminhos inéditos nos quais o desejo, que não morre, encontra outras maneiras de inscrição.

3.2 “Marília acorda”: A representação lésbica idosa

Em “Marília acorda” nos deparamos com as peripécias e os itinerários da velhice de duas senhoras lésbicas que se permitem viver em segredo ao mesmo tempo em que se afligem pelo desprezo social e a irrelevância que prestam aos seus corpos. Polesso (2015), aborda em seu conto a relação homoafetiva na velhice de duas senhoras lésbicas e o quão intrigante se tornam para a sociedade a ausência da família – não as compreendendo como uma, apenas duas senhoras estranhas que convivem e saem às ruas lado a lado, não se pode acreditar que sejam somente amigas, irmãs ou primas, não se sabe se foram casadas ou não, senão que sempre estiveram próximas. Além disso, convém mencionar:

Em “Marília acorda”, a sexualidade das anciãs é manifestada por meio do contato físico, mas também no prazer de desfrutarem a companhia uma da outra; na aceitação de seus corpos envelhecidos, de suas manias esquisitas, de suas variações de humor e de suas crises existenciais. No desejo de agradar uma à outra, muitas vezes, abrindo mão de sua vontade própria para satisfazer a da outra, como observamos no trecho “Eu sorrio e digo que quero entrar, mas não quero. Entro porque sei que ela quer” (Polesso, 2015, p. 135). (Ramos; Oliveira, 2021, p. 122).

O conto traz consigo uma visibilidade desse comportamento homoafetivo quando se envelhece para que tenhamos a consciência de que o corpo sofre alterações naturalmente, enquanto a identidade afetivo-sexual, não (Simões, 2004); o pensamento continua sendo o mesmo, os desejos, as vontades e, principalmente, o cuidado para que não saibam do relacionamento entre ambas as senhoras. Por essa razão, cabe dizer que a primeira característica que havemos de identificar no conto é a descrição de quem é Marília, primeiro sua

especialidade, “Marília não é doce, mas, olhando da outra metade da cama, não consigo não amá-la. (...) Marília gosta de carrinhos de controle remoto, prendedores de roupas, saias com bolsos e plantas. Nunca vai arrancar uma flor. Por isso, desenha” (Polesso, 2015, p.132).

Neste sentido, infere-se segundo a narradora-personagem que Marília por mais que idosa ainda assim lhe atraindo, desperta sentimentos, e, por isso, Marília não se considera inválida e consegue desempenhar atividades como qualquer outra pessoa, por exemplo, desenhar. Ademais, Marília enfrenta os confrontos naturais da velhice e tenta harmonizá-los conforme o tempo vai passando, inclusive usa meias compridas até os joelhos porque, mesmo no verão, tem os pés frios. Senta na beirada da cama e vai desenrolando as meias: panturrilha, canela, tornozelo e para. Volta a se endireitar. A barriga impede que se dobre sobre si, como lido em:

Lá vai Marília até a cozinha e eu já imagino que, em pouco tempo, vou ser acordada pelo barulho de metais batendo, gavetas sendo empurradas ou por um assvio de canção velha que já não sabemos a letras. Eu viro para o lado da janela ainda com as frestas escuras, porque é muito, muito cedo, fecho os olhos e sorrio. Os ruídos começam. Ela não faz por mal, só não tem silêncio nas mãos. (Polesso, 2015, p.132).

A companheira anônima de Marília ao descrever toda a especialidade da amada também detalha como lida com os comportamentos dela, compreendendo toda a sua dedicação aos afazeres de casa e em cuidar de tudo. Nisto, percebeu-se que a mulher de Marília se empenha em empatizar com essa nova fase de suas vidas, a velhice, concordando consigo diz: “Ela não faz por mal, só não tem silêncio nas mãos” (Polesso, 2015, p.132), aqui, revela um comportamento típico dos idosos, o incômodo com o barulho.

Diante desta situação na vida de Marília pode-se afirmar que o corpo que sofre mudanças durante a longevidade da vida é a persistência de uma adaptação do próprio corpo àquela idade, àquele novo regramento da natureza, assim, “doenças, limitações físicas e morte ocorrem em qualquer idade. Há velhos que desenvolvem patologias capazes de cercear severamente sua independência física, assim como existem os que se mantêm com saúde, autonomia e ativos” (Abreu, 2017, p.131). Outra vez, tudo isso faz parte de um processo, e não seria o caso de dizer que essa senhora foi ‘castigada’ por ser lésbica e não atender ao regulamento divino de procriar e manter sua descendência. Além disso, Marília passa a se afligir por não conseguir realizar as atividades como antes, e se entende já esquecida e desajeitada, no entanto, a companheira declara a Marília que ambas estão velhas:

Marília senta na cama sem a bandeja. Ela toca a minha perna e eu finjo despertar. As frestas da janela já iluminadas recriam seus contornos. Eu pego a sua mão inquieta e, antes de abrir os olhos, percebo que não vai bem. Pergunto o que ela tem. Ela me diz que está esquecida. Eu replico que estamos. Ela me olha triste e diz que fez o café sem pó e queimou os pães na torradeira. Eu desalinho a testa num não entendimento e ela repete que fez o café sem pó, que deixou a água fervendo na moca e que, ao servir

apenas água nas xícaras, ficou um minuto parada sem entender, por isso, os pães queimaram na torradeira. Ela me diz que está velha e esquecida. Eu digo que somos velhas esquecidas. (Polesso, 2015, p.133).

Esse reconhecimento de si em diz respeito à velhice de forma positiva pela companheira de Marília se centra em atribuir um suporte para com a sua amada, diferente de um outro alguém que não sabe ao certo qual tratamento dirigiria a um corpo velho e “esquecido” como Marília se reconhece. Por isso, ressalta-se que “somos vulneráveis ao olhar do outro, mas ao mesmo tempo precisamos de seu olhar, precisamos ser percebidos, senão não existimos” (Ortega, 2008, p. 43) e, nisto há essa necessidade de aceitação de si por parte de Marília de acordo como a sua parceira a enxerga.

Diante da aflição de Marília é possível notar como a companheira a conforta alegando de que ambas estão idosas e que passarão pelo mesmo processo muito embora isso ocorra de modo diferente, nisso, interpretamos que não há uma rejeição, e, sim, uma aceitação. Ao que se pode depreender da narrativa é o caso de que não há uma afirmação a respeito da sexualidade de ambas, mas que dessa forma há uma desenvoltura da relação dessas senhoras, o primeiro exemplo do qual se pode inferir do conto essa indagação que se encontra no modo de vivência e a duração.

Olho para os cabelos dela, agora sobre o meu ventre. Ela deita de lado e pede para que eu lhe cubra os pés. Pede também que eu abra lhe cubra os pés, apenas os pés. Eu estico minhas costas e braços até a cordinha da persiana e a luz nos revela: minhas mãos manchadas sobre os cabelos brancos dela. Há quantos anos, Marília? Há quanto tempo esse ritual das manhãs de domingo? Penso, mas não digo nada. (Polesso, 2015, p.133).

A narradora-personagem, que é a companheira de Marília, deixa evidente de que são duas idosas, mas não ao ponto de se permitirem serem consideradas inválidas, não seria egoísmo se permitir fazer tudo sozinha, na verdade, é um ato de resistência a alguns dos desafios de ser idoso. Por sua vez, Freud (1996, p.101) explica que essa reação do sujeito se desenvolve por “se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a forma de um ego ideal”, assim, a narradora diz:

Parece que tem um acanhamento novo entre a gente. Termino. Olho mais uma vez pela janela. O dia está bom. Quero caminhar no pátio. **Marília levanta, pega o andador e põe ao lado da cama. Ela sabe que eu quero levantar sozinha, e levanto.** O lance das escadas apesar de pequeno, ainda me causa problemas, mas não quero um elevador na casa e **não vou tolerar descer uma rampa de cadeiras de rodas.** (Polesso, 2015, p.134, grifo nosso).

A persistência da companheira de Marília reforça a ideia de que elas envelheceram, mas não ao ponto de se desestruturar ou de que o corpo já se decompôs, decerto que, “vida é um

sistema instável no qual se perde e se reconquista o equilíbrio a cada instante; a inércia é que é o sinônimo de morte. A lei da vida é mudar.” (Beauvior, 1999, p.19). Em outro momento, a bem-amada de Marília dar continuidade a narrativa de um dia de domingo no qual se encontram, seria, portanto, uma das circunstâncias desconfortável para as duas senhoras sobre o motivo de saírem de dentro de casa, não muito longe, apenas até o terraço ao lado, para logo se esconderem em um lugar qualquer de uma praça, atrás de árvores, por exemplo.

O dia está mais fresco do que eu imaginava. Ela pega uma manta de tricô que temos desde não sei quando e põe sobre as minhas costas. Ela aperta meus ombros com muita força, porque mesmo depois de todos esses anos, não descobriu a medida certa do carinho. E ficamos ali, atrás do muro que esconde o nosso pátio da rua e que esconde a nossa vida das pessoas. (Polesso, 2015, p.134).

Em primeiro lugar, evidenciamos mais um outro aspecto interessante acerca da forma de amor de Marília para com a parceira que não muda, revelando que com a velhice o corpo sim pode mudar mas não a nossa personalidade, assim, “ela aperta meus ombros com muita força, porque mesmo depois de todos esses anos, não descobriu a medida certa do carinho” (Polesso, 2015, p. 134). Esse exemplo não trata apenas da não mudança do afeto de Marília como revela a reciprocidade entre ambas as senhoras e o quão perigoso se torna demonstrar certa brandura aos olhos da sociedade de maneira que se precisa amar às escondidas, “atrás do muro que esconde o nosso pátio e que esconde a nossa vida das pessoas” (Idem, p.134). Isto é, essas senhoras apresentam um certo receio do convívio social por serem mulheres que desafiaram a heteronormatividade, assim, declara-se:

A autocensura, que às vezes pode calar a expressão erótica feminina em todas suas formas, encontra-se obviamente enraizada nas práticas sociais vigentes que tanto procuram controlar a sexualidade feminina, como restringir o acesso da mulher a uma adequada a representação de sua sexualidade. (Ferreira-Pinto, 1999, p. 406).

O porquê dessas senhoras se preocuparem com suas vidas está basicamente em ter consciência de que sua sexualidade dissidente é ameaçada diariamente pela homofobia e são cientes que mesmo na velhice são ainda mais marginalizadas. Por isso, presumem, nesse ponto de vista, que passaria a ser estranho por serem velhas, tão quietas e silenciosas, para a vizinhança seriam duas senhoras sozinhas, as quais eram enxergadas como um casal, e: “ali, ali naquela casa, moram duas velhas. Moram ali faz anos essas duas velhas. Acho que essas duas velhas têm alguma coisa, moram juntas faz anos. Ali na casa das duas velhas estranhas. Duas velhas estranhas, Marília e eu.” (Polesso, 2015, p.134). Desse modo, a velhice não é tão aconchegante para a parceira de Marília, a própria então não desconsidera tal fato e considera que:

Não sei o que aconteceu com as minhas pernas. Elas perderam a força de um dia para o outro. Fui a médicos, mágicos, benzedeiros, mas elas não voltaram. Justo eu que gostava tanto de andar, de sair pela vizinhança, de fazer caminhadas no mato, de subir morro, descer cascata, justo eu, quase não consigo atravessar o pátio da minha própria casa. Sento ali na grama mesmo, a cinco passos da cadeira onde eu estava, porque o equilíbrio está difícil já. Olho para trás e não vejo Marília. Não consigo me levantar. Começo a ficar angustiada, mas logo ela aparece por trás da pilastra e grita para mim se está tudo bem, se cáí, se estou machucada e corre sem jeito para me ajudar, mas eu a tranquilizo antes de chegar. (Polesso, 2015, p.135).

Diante da narrativa se percebe que a velhice passa a ser uma novidade para a companheira de Marília que sente as perdas de especialidades que aprazia como o vigor da força de suas pernas, e, além disso, demonstra medo de se sentir só perante a ausência de Marília, em suma, a solidão assola ambas de maneira que não conseguem exprimir, em princípio, “o local de nascimento do romance é o indivíduo na sua solidão, que já não consegue exprimir-se exemplarmente sobre seus interesses fundamentais, pois ele mesmo está desorientado e não sabe mais aconselhar.” (Benjamin, 1983, p. 60). Nesta perspectiva, a companheira de Marília responde a ela: “nos olhamos para tentar entender como foi que chegamos ali. Nunca entendemos. Sempre entendemos. Somos muito quietas, sempre fomos do silêncio” (Polesso, 2015, p. 135).

Marília tenta descrever sua percepção a respeito de como envelheceu ao lado de sua companheira, na tentativa de recobrar a memória, e de certo sabe, porém, não se permite recobrar, pois pode ser doloroso, e, por fim, apenas ficam em silêncio, o que mostra uma compreensão de como esses corpos por não serem reconhecidos ou lembrados se percebem, quase como se houvesse existisse uma para outra e não houvesse mais ninguém, isto é, uma reflexão de como sujeitos diferentes de Marília, que ainda não alcançaram a velhice, não enxergam corpos envelhecidos como sujeitos, como se perdessem a identidade (Quinodoz, 1993). O que faz com que “as escritas do corpo surgem através da longa habituação, através do armazenamento inconsciente e sob a pressão de violência. Elas compartilham a estabilidade e a inacessibilidade” (Assmann, 2011, p. 260). Ou seja, desde que Marília se identificou como lésbica até envelhecer houve constante silenciamento social em seu respeito com o qual teve que conviver, uma solidão da qual desencadeia a dor e o medo ainda não sucedido, mas previsto, assim

Eu morro de medo ainda e de novo e todos os dias rezo para que morramos juntas, porque eu não vou suportar ficar sozinha, nem ela. Eu pensei em cuidar disso eu mesma. Pensei em fazer com calma, pensei em deitar com Marília, de meias, e no chá misturar uma dose que nos tranquilize e, com sorte, não acordaremos. Pensei só, não tenho coragem (...). No domingo seguinte, Marília acorda e me acorda com cheiros de café (...) (p.136).

Compreende-se que a personagem deseja morrer ao lado de Marília quando diz, “eu penso em cuidar disso sozinha eu mesma” (Polesso, 2015, p.136) e “no chá misturar uma dose que nos tranquilize” (Idem, p.136), no entanto, desiste de interromper a cronologia de seus corpos e deseja com que isso ocorra naturalmente, por fim, “Marília acorda e me acorda” (Idem, p.136). Sendo assim, elas têm a noção da causa de se sentir sozinho/a e resistir a tal sentimento pois a “angústia da separação traduz a emoção dolorosa – mais ou menos consciente – que acompanha a percepção do caráter efêmero das relações humanas, da existência do outro e da nossa própria existência.” (Quinodoz, 1993, p. 24).

3.3 “O amigo do meu tio”: O desejo de ‘arrombar’ o armário na velhice

No cotidiano, comumente, escuta-se que os homossexuais masculinos os quais apresentam comportamentos mais associados ao feminino precisam se comportar, “voltar para o armário”, corrigir-se, pois ele é homem e deve se comportar como os outros iguais (Araújo; Fernández-Rouco, 2016). Neste sentido, no Dicionário Oxford [online], “armário é móvel de madeira, metal ou outro material (ou vão aberto na parede), dividido internamente por prateleiras ou gradis, para guardar roupas, louças”. Por sua vez, quando associada à comunidade, também ouvimos a expressão “sair do armário”, tradução da expressão inglesa “come out of the closet”, também alusiva a “skeletons in the closet”, a última “esqueletos no armário” (Segwick, 2007). Isto expressa que a comunidade gay, para a sociedade heteronormativa, não deveria se identificar, nunca assumir, mantendo seus esqueletos no armário, sobretudo na velhice, pois seria apenas aquele “tio” que não casou, mas não se dizia o motivo pelo qual ele não quis o casamento, pois esse móvel é uma estrutura de opressão, no caso, cita-se:

A confiança e a sensação de controlar o que outras pessoas sabem sobre si, contrasta com a incerteza completa que gays ainda no armário sentiriam em relação a quem tivesse informação sobre a sua identidade sexual. Isto tem algo que ver com o facto de o realismo perante o segredo ser maior na vida das pessoas do que nas histórias contadas na Bíblia, mas deve-se sobretudo à complexidade da noção de identidade gay, pois não há pessoa alguma capaz de controlar os múltiplos códigos, frequentemente contraditórios, que aparentam veicular informação relativa à atividade e à identidade sexuais. (Sedgwick, 2007, p. 22).

João Silvério Trevisan, na antologia de contos **O Testamento de Jônatas Deixado Para David** (1976), presenteia-nos com uma singela narrativa “O Amigo do Meu Tio”, conto no qual a homoafetividade na velhice é o tema central. O conto é narrado por um autodiegético, sobrinho de Zepaulo, o homoidoso e protagonista do conto, que narra suas curiosidades para o

suposto relacionamento do tio, o sr. Luizinho, um amigo de longa data que escapou da censura militarista. Desse modo, sustenta-se também que a narrativa traz a temática da solidão de Zepaulo; um isolamento da família muitíssimo estranho, do qual ninguém da casa podia explicar. Por esse motivo, introduz o jovem anônimo à sua fala:

Agora faz anos que não vejo meu tio. Desde quando entrei na Universidade. Sei que ele já tem 7 filhos, os dois primeiros estão quase formados. Mas outro dia ouvi falar dele. Dizem que se enfiou na sua biblioteca e não sai de lá por nada. Que toma uísque o dia inteiro, velho que nem ele só. Que trata dos negócios por telefone, não deixa que ninguém abra as janelas, dizem. E que está caindo aos pedaços aquela casa que antes era tão bonita. Dizem que hoje tudo é silêncio na casa do tio. E foi por isso que me lembrei dele. (Trevisan, 1976, p.17).

Observando as mudanças do sujeito e centrando-as na personagem Zepaulo, pode ser afirmado que ele foi um homem forjado pelo patriarcalismo e, por causa do sistema ocultou a identidade homoafetiva, trancando-se em um armário e vestindo as armaduras do “macho ideal”. E, enquanto velho, Zepaulo vê que não há mais nada para se explorar dele, razão pela qual “dizem que se enfiou na sua biblioteca e não sai de lá por nada. Que toma uísque o dia inteiro, velho que nem ele só (...)” (Trevisan, 1976, p.17). Contudo, esse então “silêncio na casa do tio” (Trevisan, 1976, p.17) passa a ser diferente de um período em que ainda estava no processo de envelhecer, como narra o anônimo sobrinho, “naquela época eu tinha 14 anos (...). O tio era um homem grande e moreno, de bigode e cabelo muito preto e me lembro bem que tinha as sobrancelhas escuras e cerradas” (Trevisan, 1976, p.18). Desse modo, percebeu-se que a personagem parece recuperar o viver no armário como posto em:

Ressoante como é para muitas opressões modernas, a imagem do armário é indicativa da homofobia de uma maneira que não o pode ser para outras opressões. O racismo, por exemplo, baseia-se num estigma que é visível, salvo em alguns casos excepcionais (casos que não são irrelevantes, mas que delineiam as margens, sem colorir o centro da experiência racial). O mesmo vale para as opressões fundadas em gênero, idade, tamanho, deficiência física. Opressões étnicas/culturais/religiosas, como o anti-semitismo, são mais parecidas, pois o indivíduo estigmatizado tem pelo menos alguma liberdade de ação – embora, o que é importante, não se possa garantir quanta – sobre o conhecimento das outras pessoas acerca de sua participação no grupo: poder-se-ia “sair do armário” como judeu ou cigano, numa sociedade urbana heterogênea, de maneira mais inteligível do que se poderia “sair” como, digamos, mulher, negro, velho, usuário de cadeira de rodas ou gordo. (Sedgwick, 2007, p.32).

Nesse tempo, o velho tio recebe inusitadamente uma chamada de voz do seu amigo, do qual o narrador-personagem apenas revela o nome quando o tio se encontra com ele. Instante em que a tranquilidade e a solidão se rompem de modo estranho com a súbita felicidade do tio, e este comportamento passa a chamar atenção desde quando o narrador não menciona a relação do tio com a tia, nem mesmo os filhos, o único que apresenta uma certa intimidade com Zepaulo

é o sobrinho com quem podia sentia-se a vontade. Inclusive, este narra toda a história de sua vida, assim, “...me olhava por muito tempo, eu nunca sabia o que pensava tanto, e me dizia devagar, com tanto gosto que eu parecia até um filho dele (...).” (Trevisan, 1976, p.18), evidenciando não havia afinidades com a então senhora e nenhum familiar.

Creio que foi naquele dia exato que a paz da casa começou a se acabar. Foi engraçado, assim de repente, parecia que um bicho esquisito tinha mordido meu tio. Tudo por causa de um simples telefonema, naquele dia. Foi a tia quem atendeu, se não me engano, e chamou o tio que tomava banho, porque era interurbano. Vi meu tio atender o telefone e ficar transformado, não sei como. Foi uma conversa rápida. Quando ele desligou parecia que ele tinha ficado mais moço, seu peito arfando com tanta força que caiu um vaso de flores da mesa, caiu assim. (Trevisan, 1976, p.18).

Estranhamente esse é o único momento em que a felicidade retorna a Zepaulo, de maneira a querer rever seu amigo do tempo da faculdade numa outra cidade vizinha e, por mais que possa parecer estranho, sem a companhia da família, senão apenas ele e o sobrinho anônimo. Consoante lido em “... disse que eu me vestisse para passear com ele. Saímos sozinhos, ficaram em casa a tia e os primos, que então eram só três [...] me disse que ia ver um grande amigo” (Trevisan, 1976, p.18). E que também, “(...) não se viam desde os tempos de universidade: A gente aprontava muito na faculdade, por causa da ditadura” (Trevisan, 1976, p.18).

Infere-se a partir do fragmento citado que as memórias guardadas pela personagem são da época da ditadura militar (1964-1985), o que corresponde ao tempo em que a obra em análise foi publicada e que o autor tivera exilado, “viveu exilado em Berkeley, na Califórnia, entre 1973 e 1976, devido à vigência do ato institucional nº 5” (Silva; Vilalva, 2013, p. 106). Neste sentido, a publicação da antologia e as memórias narradas no conto “O amigo do meu tio” datam de um mesmo período - a ditadura militar, João Silvério Trevisan e as personagens - Zepaulo e o amigo - sobreviveram, inclusive ao “ido para a Guatemala como professor e nunca mais tinham se visto. E que ele voltava agora, fugido de um golpe que estava matando todo mundo lá” (Trevisan, 1976, p.18-19) haviam recebido a oportunidade de se reencontrarem, motivo pelo qual o tio se sentiu reanimado.

Chegamos na cidadezinha ao meio-dia. Estacionamos em frente de uma casa antiga, a empregada veio abrir o portão. Tinha um grande jardim cheio de árvores antes de chegar na casa. E na escada, um homem que estava esperando desceu depressa, assim que viu o tio. Se abraçaram os dois um tempão, depois se olharam. O homem era mais moço que o tio e acho que estava quase chorando (...) eles tinham abrido um garrafão de vinho e já ficaram ali bebendo. Falavam baixo, não sei se para não me acordar ou também porque era assim mesmo que falavam, olhando-se, às vezes sérios às vezes rindo como dois irmãos. Ouvi qualquer coisa que diziam sobre revolução, acho, e tiroteios e mortes. (Trevisan, 1976, p.19-20).

Todos esses acontecimentos narrados até agora pelo narrador-personagem estão voltados para uma análise de estranheza diante do comportamento do tio em relação ao seu amigo. Os dois amigos revelam perante o sobrinho que há um segredo entre ambos. O fato deste amigo que “desceu depressa, assim que viu o tio” e de que “estava quase chorando” em razão de ter reavido o tio, nota-se, aqui, que essas atitudes não condizem com o padrão heteronormativo de homem. Ora, porque outrora, é nítido perceber a presença dessa reflexão acerca desta ideia do ser/tornar-se homem, quando, “falei pro tio que bonitas eram as flores. Ele me encarou como um moleque e começou a rir, rir, rir. As flores são bonitas sim, meninão, mas dizem que homem não fala de flores nem chora; que é que a gente faz?” (Trevisan, 1976, p. 20). O tio deixa evidente com sua resposta que sua personalidade enquanto homem destoa da performatividade de gênero, porém ao mesmo tempo tentando repassar essa imagem de homem.

Nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por força, a identidade. E, aparentemente, o corpo é inequívoco, evidente por si; em consequência, esperamos que o corpo dite a identidade, sem ambiguidades nem inconstância. Aparentemente se deduz uma identidade de gênero, sexual ou étnica de “marcas” biológicas; o processo é, no entanto, muito mais complexo e essa dedução pode ser (e muitas vezes é) equivocada. (Louro, 2018, p. 16).

Além do mais, a ideia de homem é de um ser másculo, único, que deve carregar consigo o enrubescimento e a rigidez não ser tão vacilante quanto ao andar, o falar e o dançar, pois sua imagem ditam ser a mais cabal, por fim, “a mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o essencial perante o inessencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (Beauvoir, 2019, p. 12-13). Por sua vez, de imediato, por efeito do álcool tudo em oculto passa a ser desvendado com uma facilidade repentina, o inconfessável-confesso da suposta relação do tio e o amigo vai se esvaindo diante dos olhos do sobrinho; a princípio tudo parte do amigo que busca confessar algo na presença de seus convidados, bem como:

E ali, na frente de todo mundo, todo mundo parado feito pedra, olhando, só olhando, nem a música pôde encobrir a voz do seu Luizinho, o amigo do meu tio: - **Querem saber de uma coisa? Vou dizer de uma vez, vou contar pra todos e tou cagando. Este é o melhor amigo da minha vida. Eu... o amigo mais grande. ZéPaulo, não é verdade? Você sabe...** [...] Ele então berrava mais forte, como se quisesse enfrentar todo mundo: - **Não tou louco caralho, deixa eu falar**. Virou-se em direção da porta onde eu estava e falou que nem pra mim, eu acho que fiquei vermelho:- **Eu sempre amei ele, como louco. Que é que eu posso fazer?** Saí correndo da porta. Me enfiei na cama com medo, ouvi o choro forte da mulher e depois o amigo do meu tio gritando no meio do silêncio: - **À merda mulher e filhos, que se fodam. Já tou cansado, não é verdade ZéPaulo, você também?** (Trevisan, 1976, p. 21) (grifo nosso).

E, por fim, percebe-se por esse lado além de toda essa dor de Luizinho, uma pressão psicológica diante desse desejo de querer se libertar da heteronormatividade a que teve que se prender contra a sua vontade, como bem assim diz, “(...) à merda mulher e filhos, que se fodam. Já tou cansado (...)” (Trevisan, 1976, p.21) revela que de alguma forma Luizinho não está se descobrindo gay enquanto já velho, isto é, Luizinho, e, principalmente, Zepaulo, já tinham conhecimento desse então sentimento que os envolvia. Assim, como o próprio Luizinho assim confessa, “eu sempre ameí ele, como louco (...)” (Trevisan, 1976, p.21). A exemplo também de uma outra situação, a seguir.

Meu tio deitou o amigo na outra cama e fechou a porta. Parecia que nem me via.

– **O que é que houve com você!** Pelo amor de Deus.

– **Houve o que sempre houve, você sabe muito bem. Aquilo que a gente nunca disse.**

E ele soluçava, o amigo do meu tio, e se levantou e tentava abraçar e queria agarrar o tio. – Aquilo que a gente sempre sentiu escondido. Chega, Zepaulo. Não aguento mais. (Trevisan, 1976, p.22).

Luizinho em meio a argumentos não tão diretos dos quais se espera que confesse, deixa nítido que, ao lado de Zepaulo, sempre soube ao certo do sentimento que sentiam um pelo outro, e desde então não sabiam como lidar com isso. Porém, percebeu-se que Luizinho desejava sair do armário quanto antes, tão certo que, “houve o que sempre houve, você sabe muito bem. Aquilo que a gente nunca disse. (...) Aquilo que a gente sempre sentiu escondido”. Através desta fala de Luizinho, pode ser pontuado duas representações interessantes do sentimento homoafetivo, o que nunca se diz, todavia, sempre se sentiu em segredo. Contudo, a única resposta de Zepaulo em correspondência a esse amor confessado de Luizinho por ele será apenas a desculpa de que

– Por favor, nós temos responsabilidades. Mulher e filhos, Luizinho. Nós já estamos velhos demais, entenda, por favor. Não sei se meu tio chorava também, ele estava de costas pra mim. Mas vi quando ele agarrou como um desesperado a cara molhada do seu amigo, assim como se fosse amassar ela, tanta era a força que fazia. (Trevisan, 1976, p. 22).

Zepaulo considera a velhice em primeiro lugar como principal empecilho para essa então ‘loucura’ (paixão) que sente por Luizinho e assim reciprocamente. Acreditando que o vigor da homoafetividade apenas poderia ser vivenciada durante a juventude, ou seja, quando se está à flor da pele, não quando se está envelhecendo. Isto se deve ao fato da necessidade de algo que deseja se desprender, contudo, fica recluso devido ao interdito.

A afirmação da identidade implica sempre a demarcação e a negação do seu oposto, que é constituído como sua diferença. Esse ‘outro’ permanece, contudo,

indispensável. A identidade negada é constitutiva do sujeito, fornece-lhe o limite e a coerência e, ao mesmo tempo, assombra-o com a instabilidade (Louro, 2001, p. 549).

O excerto evidencia que identificar-se velho implica opor-se à juventude e, no caso, reconhecer as alterações metabólicas e psíquicas que o envelhecimento traz, inclusive o apagamento da sexualidade, sobretudo nos sujeitos do sexo masculino, pois mesmo o gay é aquele que agora servirá apenas ao papel de passivo, contudo, não desperta o desejo do outro. Por essa razão, Prado (1991) enfatiza em sua descrição poética que este amor poder-se-ia simplesmente permitir, pois a erótica da homossexualidade não está necessariamente alicerçada ao ato sexual, mas a toda e qualquer boa forma de usá-la para consigo e a sexualidade.

Todos vamos envelhecer... querendo ou não, iremos todos envelhecer. As pernas irão pesar, a coluna doer, o colesterol aumentar. A imagem no espelho irá se alterar gradativamente e perderemos estatura, lábios e cabelos. A boa notícia é que a alma pode permanecer com o humor dos dez, o viço dos vinte e o erotismo dos trinta anos. O segredo não é reformar por fora. É, acima de tudo, renovar a mobília interior: tirar o pó, dar brilho, trocar o estofado, abrir as janelas, arejar o ambiente. Porque o tempo, invariavelmente, irá corroer o exterior. E, quando ocorrer, o alicerce precisa estar forte para suportar. Erótica é a alma que se diverte, que se perdoa, que ri de si mesma e faz as pazes com sua história. Que usa a espontaneidade pra ser sensual, que se despe de preconceitos, intolerâncias, desafetos. Erótica é a alma que aceita a passagem do tempo com leveza e conserva o bom humor apesar dos vincos em torno dos olhos e o código de barras acima dos lábios. Erótica é a alma que não esconde seus defeitos, que não se culpa pela passagem do tempo. Erótica é a alma que aceita suas dores, atravessa seu deserto e ama sem pudores. Aprenda: bisturi algum vai dar conta do buraco de uma alma negligenciada anos a fio. (Prado, 1991, p. 58).

Em conformidade com o fragmento o envelhecimento é um processo natural, entretanto, o aceitar o mesmo não traz o conforto para o sujeito, uma vez que ele já pensa nas mudanças físicas e sociais, inclusive na perda da capacidade de manutenção da eroticidade, uma vez que vivemos numa sociedade falocêntrica e sexualizada. Neste sentido, o ato de se refletir no espelho e perceber as mudanças físicas assim como no poema “Retrato”, de Cecília Meireles “Eu não tinha este rosto de hoje,/ Assim calmo, assim triste, assim magro,/ Nem estes olhos tão vazios,/ Nem o lábio amargo.” Mudanças que são certas, entretanto, o maior medo é a perda do vigor sexual, do não ter mais um corpo que se deseja e, assim voltar ao armário enquanto dispositivo de controle dos corpos considerados inúteis, não serve mais à reprodução, nem ao capitalismo, então, deve voltar ao armário.

Por fim, o conto de Trevisan (1976) nos faz refletir acerca da expressão social de corpos insurgentes que são minoricizados e silenciados, a partir de sua narrativa *O Amigo do Meu Tio* obtivemos uma reflexão que diz respeito a devoção ao padrão heteronormativo de Zepaulo, em que fortemente se mostra convencido de que não pode viver o que sente pelo amigo Luizinho com a desculpa de que não seria normal declararem seus sentimentos na velhice, embora que

na juventude foram separados pela repressão militarista e com isso Luizinho fora exilado. Trevisan (1976) frisa na expressividade desses corpos, como se sentem, pensam, ou se veem na velhice atraídos um pelo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse então trabalho descritivo e analítico com base nos objetivos de que a imagem negativa da homossexualidade na velhice vem sendo construída há muito tempo e, apesar disso, reincide em nosso espaço social segregando cada vez mais corpos queers; posposto a esta objetividade, investigamos como que certos estigmas sociais em relação ao corpo velho gay/lésbico influenciou nossa literatura, onde ocupam pouco espaço e pouco se ouve suas vozes. Assim, portanto, conforme esses objetivos se pôde alcançar um resultado satisfatório para a compreensão da vivência da homossexualidade na velhice e o conflito diário para resistir a um padrão heteronormativo que cada vez mais ocupa a comunidade LGBT. Entretanto, alguns dos desafios para essa pesquisa foi encontrar referência teórica na área da literatura brasileira que tratasse sobre a percepção da velhice para relacionar com a homoafetividade de gays/lésbicas.

Ao primeiro tópico nos desdobramos em relatar no quão inesperado a velhice pode se tornar para um gay ou uma lésbica devido a sua sexualidade visto que o termo velhice nos foi ensinado a ver com maus olhos, do mesmo modo, foi-nos ensinado que ser gay é nojento, então a bicha afeminada ao envelhecer não se isenta de preconceitos pelo contrário assume a posição de mais um, o etarismo. E, por vezes, pode ocorrer o fato de renunciar à sua sexualidade para não ser abandonado pela família quando velho. O idoso gay ainda sofre críticas da própria comunidade pois que crescemos com o fanatismo de que no corpo velho tudo repousa antes do ato concreto, a morte. O que de fato não há comprovação nenhuma dessa hipótese. É que pensar o beijo ou o ato sexual entre dois corpos velhos seria um comportamento indecoroso como por muitos anos implantaram essa absurda ideia ao nosso entendimento do corpo idoso. Principalmente, quando esses dois sujeitos são gays/lésbicas.

Na verdade, concretizamos conforme o primeiro capítulo que essa visão distorcida acerca da velhice é uma herança do patriarcalismo que interditava as mulheres pois que depois de viúvas não deviam ter sentimentos ou práticas sexuais com qualquer outro indivíduo, pois

deviam resguardar a santidade ou a moral de seus corpos, e isso ganhou espaço em outros campos sociais.

Antes de seguirmos para o segundo capítulo foi levantada uma hipótese a respeito do corpo idoso homoafetivo, se antes do presente século da nossa literatura marginal havia obras literárias que narrasse a vida do homoidoso para descrever historicamente esse gay velho de outros tempos como que era visto e interpretado, à luz do nosso entendimento Foucault (2022) em sua obra *História da Sexualidade: O uso dos prazeres* narra o comportamento da homoafetividade de homens idosos que reflete negativamente a nossa sociedade atual quanto a extorsão do prazer que surge a partir de uma necessidade de um corpo diferente do idoso ou para não se sentir sozinho. Concluimos que os estereótipos socialmente construídos para se referir a gays velhos são adaptações de outros tempos e outras sociedades, a gay afeminada desmunhecada tem a tendência de sofrer estereótipos negativos como “cacuras”.

Ao terceiro e último capítulo investigamos como esse corpo idos de gay/lésbica é escrito/narrado e a percepção desses corpos em relação a sua idade e sexualidade, podemos inferir segundo a análise das leituras do conto *Ela desatinou* (2019) que se fez das obras que um idoso gay pode se tornar a ascensão social de um outro sujeito abaixo da sua idade, que, aliás, pode correr o risco de atender a necessidade de outrem sem satisfazer a sua, mas que prefere a companhia do que estar se sentindo solitário, surgindo aí uma interdependência.

A discussão sobre o conto “Marília acorda” (2015) com relação ao objetivo dessa pesquisa se pôde concluir que a lésbica idosa não precisa ouvir de alguém sua reprovação social pois são discriminados muito antes de se tornarem idosos, porém, a velhice é o início de uma aceitação social, porque, os gays são considerados estranhos ou até mesmo de doentes ao darem continuidade a sua vida afetiva-sexual na velhice.

Na análise do conto “O Amigo do Meu Tio” conforme a teoria de autores sociais determinamos que para os gays/lésbicas de outros tempos havia uma negociação da sexualidade em troca da sobrevivência, no entanto, quanto mais forte for a estigmatização da homossexualidade a necessidade de senti-la, desprende-la, torna-se angustiante como assim se percebe no comportamento de Luizinho, e a repressão dessa identidade pode resultar na não aceitação de ser gay, isto é, segundo a personalidade de Zepaulo. Ou que seria ‘feio’ sair do armário depois de jovem.

Por fim, esse trabalho traz consigo uma descrição analítica e discursiva a respeito de gays e lésbicas que envelhecem e são cada vez mais segregados e silenciados do nosso meio social como também pouquíssimas vezes não somos incentivados a ler sobre obras que narram sobre corpos homoafetivos idosos porque culturalmente estamos padronizando os nossos

corpos e a nossa comunidade e deixando de lutar por uma causa, a vida social desses sujeitos que são repugnados desde o berço. A noção de que velho não tem nada o que se aproveitar reformula para o nosso público literário que não há nada interessante que se estudar sobre tal corpo. Em suma, os estudos desse trabalho poderão seguir futuramente num programa de pós-graduação, podendo também ser transformado em artigo para publicação.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Morangos Mofados**. Brasiliense, São Paulo, 1982.

ABREU, M. C. de. **Velhice**: uma nova paisagem. São Paulo: Ágora, 2017. 200 p.131. Disponível em: <https://beta.periodicos.ufv.br/oikos/article/view/9889/6602>. Acesso em: 08 out 2024.

ALVES, Andrea Moraes. **Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina**. Porto Alegre, Horizonte Antropológico, 2010, p. 213-233; Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/57519/5/2021_dis_ajldantas.pdf. Acesso em: 08 de out de 2024.

ALVES, P. **A segmentação do mercado LGBT embasada no comportamento do consumidor como estratégia de marketing para o mercado do distrito federal**. Brasília/DF, 2009. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/11701/1/GBNetto.pdf>. Acesso em: 09 de out de 2024.

AMARO, Vagner. **Eles**: Contos. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

ARAÚJO, L. F.; FERNÁNDEZ-ROUCO, N. **Idosos lgbt**: fatores de Risco e Proteção. In: FALCÃO, D. V. da S., PEDROSO, J. da S., ARAÚJO, L. F. de (orgs.). **Velhices**: temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar. Campinas: Alínea, 2016.

ASSMANN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Trad. Paulo Soethe. Campinas: Ed. da Unicamp, 2011.

BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e homoerotismo masculino**: perspectivas teórico metodológicas e práticas críticas. In: _____. **Literatura e homoerotismo em questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad.: Leyla Perrone-Moisés, São Paulo: Cultrix, 1989, p. 12.

BEAUVOIR, Simone. **A Velhice**. São Paulo: Nova Fronteira, 1999, p.13.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Trad. Maria Helena Franco Martins. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BENJAMIN, W. **O narrador**. In V. Civita (Ed.), Textos escolhidos (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p. 241.
- BONFANTI, Cristiane. **Gays fazem a economia girar**. Brasília, Correio Braziliense: Caderno Economia, 2011, p.19.
- BORGES, Jorge Luís. **Um ensaio autobiográfico: 1899-1970**. São Paulo: Globo, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Boletim temático da biblioteca do ministério da saúde**. v. 1, n. 1 (mar. 2021). Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/boletim_tematico/saude_idoso_outubro_2022-1.pdf. Acesso em 09 out. 2024.
- BRITTO DA MOTTA, A. “**Envelhecimento e sentimento do corpo**”. In: MINAYO, M. C. e COIMBRA Jr., C. (orgs.). Antropologia, saúde e envelhecimento. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2933/293328993006.pdf>. Acesso em: 09 de out 2024.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. trad. de Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018, p. 51-52. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/57519/5/2021_dis_ajldantas.pdf. Acesso em: 08 de out de 2024.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: Momentos Decisivos**. São Paulo: Editora Martins, 1959.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: Estudos de teoria e história literária**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.
- CAULFIELD, S.; MARTINS, T. E. **A dignidade humana, o direito de família e o casamento homoafetivo no Brasil, 1988-2013**. Revista do Arquivo Nacional, v. 30, n. 1, p. 179-194, 2017.
- CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- CHAVES; Paulo Azevedo; MORAES, Raimundo d. **Poemas homoeróticos escolhidos**. Edição Virtual, Pernambuco, 2011, p.14. Disponível em: https://institucional.unisecal.edu.br/wp-content/uploads/2019/05/Homoerotismo_historia_literatura_Karina_e_Josiane.pdf. Acesso: 09 de out de 2024.
- COLASANTI, M. **Rota de colisão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CRENSHAW, K. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Revista Estudos Feministas, 2002, 171-188. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/4vRNRZY9M5HjcJq4YPdVbBM/?format=pdf>. Acesso em: 08 de out de 2024.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma Introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.

DEBERT, Guita Grin. **Envelhecimento e representação da velhice**. Rio de Janeiro, Ciência Hoje, 1988, p.60-68. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/d2frp/pdf/minayo-9788575413043.pdf>. Acesso em: 08 de out de 2024.

DEBERT, Guita Grin. **“Velho, terceira idade, idoso ou aposentado? Sobre diversos entendimentos acerca da velhice”**. Revista Coletiva: 5ª ed., 2011. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0218-1.pdf>. Acesso em: 08 de out de 2024.

EAGLETON, Thierry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

EDGARDO, Castro. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

ELIAS, Nobert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000, p.14.

ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Trad.: Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FALLER, J. W.; TESTON, E. F; MARCON, S. S. **A velhice na percepção de idosos de diferentes nacionalidades**. Revista Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2015, p.128-137. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-07072015002170013>. Acesso em: 08 out 2024.

FECHINE, Basílio Rommel Almeida; TROMPIERI, Nicolino. **O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos**. In: Inter Science Place. Revista Científica Internacional. Edição 20, volume 1, artigo nº 7, janeiro/ março 2012. D.O.I: <http://dx.doi.org/10.6020/1679-9844/2007>. Disponível em: <https://www.fonovim.com.br/arquivos/534ca4b0b3855f1a4003d09b77ee4138-Modifica---es-fisiol--gicas-normais-no-sistema-nervoso-do-idoso.pdf>. Acesso em 06 fev. 2025.

FERREIRA, M. L. M. **O retrato de si**. In: LEAL, O. F. (Org.) **Corpo e significado**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1995.

FERREIRA-PINTO, Cristina. **O desejo lesbiano no conto de escritoras brasileiras contemporâneas**. Revista Iberoamericana, 1999, p. 405-421. Disponível em: <https://www.liverpooluniversitypress.co.uk/doi/pdf/10.5195/reviberoamer.1999.6082>. Acesso em: 08 de out de 2024.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/4vRNRZY9M5HjcJq4YPdVbBM/?format=pdf>. Acesso em: 08 de out de 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 13. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2022.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. 11. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2022.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Trad. Renato Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **O nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização: novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Obras psicológicas completas: edição Standard Brasileira. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FULGENCIO, Leopoldo. **A teoria da libido em Freud como uma hipótese especulativa**. **Agora: estudos em teoria psicanalítica**, v. 5, p. 101-111, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982002000100008>. Acesso em: 08 de out de 2024.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. **A louca no sótão: a mulher escritora e a imaginação literária do século XIX**. Trad. Meirilândia De Souza. 2. ed. New Haven, Yale University Press, 2000. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/30586/MEIRILÂNDIA%20DE%20SOUZA.%20MONOGRAFIA%20LETRAS%20%20LÍNGUA%20PORTUGUESA.%20CFP%202023.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 08 de out de 2024.

GOLDFARB, D. C. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Editora do Psicólogo, 1998. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3105/000382152.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 de out de 2024.

GOLDANI, Ana Maria. **"Ageism" no brasil: o que é? quem faz isso? O que fazer com isso?** Rev. bras. estud. popul., São Paulo, v. 27, n. 2, 2010, p. 385-405. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-30982010000200009>. Acesso em: 08 de out.

GLOBOPLAY. **Conversa com Bial: Nathalia Timberg comenta polêmica na novela "Babilônia"**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6854432/>. Acesso em: 06 de fev de 2025.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Thomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEILBORN, M. L. **Entre as tramas da sexualidade brasileira**. Santa Catarina: Revista Estudos Feministas, 2006, p. 43-59. Disponível em:

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-026X2006000100004&script=sci_abstract. Acesso em: 08 out 2024.

HENNING, Carlos Eduardo. **O panorama heteronormativo sobre a velhice e a literatura que entrelaça homossexualidade, bissexualidade, transgêneros e envelhecimento**. Seminário Internacional Fazendo Gênero. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, v. 10, 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1381508493_ARQUIVO_CarlosEduardoHenning.pdf. Acesso em: 08 out 2024.

HILST, Hilda. **A obscena senhora d**. Companhia das Letras, São Paulo, 1982.

HILST, Hilda. **Tu não te moves de ti**. Companhia das Letras, São Paulo, 2004.

HUNT, L. **A invenção da pornografia**: obscenidade e as origens da modernidade. Hedra, São Paulo, 1999;

IACUB, R. **Erótica e velhice**: perspectiva do ocidente. São Paulo, Vetor, 2007. (Col. Gerontologia, v. IV).

JORNAL DO SENADO. **Expectativa de vida de transexuais é de 35 anos, metade da média nacional**. Especial Cidadania, ano XIV, n. 598. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/538498/Cidadania_598.pdf?sequen#:~:text=A%20expectativa%20de%20vida%20das,%C3%A9%20de%2075%2C5%20anos. Acesso em 08 out. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 9-42.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer**: uma política pós-identitária para a educação. Revista Estudos Feministas, 2001, p. 541-553.

MAKI, Mirian Akemi. **Reflexões sobre o processo de envelhecimento em homossexuais masculinos**, 2005. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/2/TDE-2005-10-13T16:36:12zm1461/PUBLICO/DISSERTACAO_MIRIAN.P. Acesso em: 08 out 2024.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. **Viver para contar**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MCQUISTON, Casey. **Vermelho, branco e sangue azul**. Trad.: Guilherme Miranda. São Paulo, Seguinte, 2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa; COIMBRA Jr; Carlos (orgs.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ. 2004.

MISKOLCI, Richard. **A teoria queer e a sociologia**: o desafio de uma analítica da normalização. Porto Alegre, Sociologias, 2011, p. 150-182.

MISKOLCI, Richard. **Corpos elétricos**: do assujeitamento à estética da existência. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2006, p. 272. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/17142/1/Pedro%20Paulo%20Sammarco%20Antunes.pdf>. Acesso em: 08 de out. de 2024.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. Ed. rev. ampl. São Paulo: Autêntica 2012, p. 16.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 8. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0218-1.pdf>. Acesso em: 08 de out de 2024.

MOTTA, A. B. da. **Envelhecimento e sentimento do corpo**. In: MINAYO, M. C de S: COIMBRA JÚNIOR, C. E. A. Antropologia, Saúde e Envelhecimento. Rio de Janeiro, Editora Diacruz, 2002, p. 36-50. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/4vRNRZY9M5HjcJq4YPdVbBM/?format=pdf>. Acesso em: 08 de out de 2024.

MOURA, Ana Flora Müller et al. **Possíveis contribuições da psicologia para a educação sexual em contexto escolar**. Psicologia Argumento, [S.l.], v. 29, n. 67, nov. 2017 ISSN 1980-5942. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20217>. Acesso em: 08 de out 2024.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

NERY, João W. **Velhice transviada**: memórias e reflexões. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

NETFLIX. **Divinas divas**, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80184130?preventIntent=true>. Acesso em: 13 out 2024.

OLIVEIRA, A. C. **A Velhice conectada e suas representações na publicidade em vídeo brasileira**. Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

OLIVEIRA, Rubenil da Silva. **Representações das identidades homoafetivas na prosa contemporânea brasileira**: leituras da escrita de si. Orientadora: Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões. 2020. 304 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/14056>. Acesso em: 20 dez. 2024.

ORTEGA, F. **O corpo incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/4vRNRZY9M5HjcJq4YPdVbBM/?format=pdf>. Acesso em: 08 de out de 2024.

PAPALÉO NETTO, Matheus. **O estudo da velhice**: histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITA, E.V. et al. Tratado de Geriatria e Gerontologia. 4. ed. Rio de Janeiro:

Guanabara Koogan, 2016, p. 62-75. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2019/TRABALHO_EV125_MD1_SA5_ID1638_26052019230438.pdf. Acesso em: 08 out 2024.

PASSAMANI, G. R., & DUQUE, T. **As bichas de hoje e de “ontem” da região do pantanal de Mato Grosso do Sul**: sobre regimes de visibilidade e (des)caminhos do curso da vida. Em C. E. Henning, & E. Braz, *Gênero, Sexualidade e Curso de Vida: Diálogos Latino-americanos*. Goiânia: Imprensa Universitária, 2017, p. 65-92. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/9624/7457>. Acesso em: 08 de out de 2024.

PETRÔNIO. **Satíricon**. Trad. de Alex Martins. São Paulo, ed. Martin Claret 2001.

PESSINI, Leo; SIQUEIRA, José Eduardo. **Bioética, envelhecimento humano e dignidade no adeus à vida**. In: FREITAS, Elizabete Viana et al (orgs). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. Disponível: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/3325/pdf>. Acesso em: 08 de out. de 2024.

POCAHY, Fernando Altair. **Entre vapores e dublagens**: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento. 2011. 167 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/4vRNRZY9M5HjCJq4YPdVbBM/?format=pdf>. Acesso em: 08 de out. de 2024.

POCAHY, F. **“Vem meu menino, deixa eu causar inveja”**: ressignificações de si nas transas do sexo tarifado. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, 2012, p.122-154. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/57519/5/2021_dis_ajldantas.pdf. Acesso em: 08 de out. de 2024.

POLESSO, Natalia Borges. **Amora**. Porto Alegre: Não Editora, 2015.

POLESSO, Natalia Borges. **Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços**. Estudos de literatura brasileira contemporânea, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/23164018611>. Acesso em: 08 de out. de 2024.

PRADO, A. **Poesia reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991.

QUINODOZ, Jean-Michel. **A solidão domesticada**: a angústia de separação em psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

RAMOS, Andressa de Jesus Araujo; DA SILVA OLIVEIRA, Rubenil. **Representações da sexualidade na velhice lgbtqia+**. *Revista Práticas de Linguagem*, v. 11, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/praticasdelinguagem/article/view/37002>. Acesso em: 08 out 2024.

RODRIGUES, Ricardo Moreira. **Solidão, um fator de risco**. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, v. 34, n. 5, 2018, p. 334-338. Disponível em: <https://scielo.pt/pdf/rpmgf/v34n5/v34n5a10.pdf>. Acesso em: 08 out 2024.

SALGADO, A. G. A. T.; ARAÚJO, L. F.; SANTOS, J. V. O.; JESUS, L. A.; FONSECA, L.K. S.; SAMPAIO, D. S. **Velhice lgbt**: uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros. *Ciências Psicológicas*, 2017, p. 155-163. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2019/TRABALHO_EV125_MD1_SA5_ID1638_26052019230438.pdf. Acesso em: 08 de out. de 2024.

SANTOS, D. K.; LAGO, M. C. **Cartografando estilizações do homoerotismo na velhice**: pistas metodológicas nos estudos sobre sexualidades. *Revista de Psicologia*, 2015, p. 95-106. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/204931/001110315.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 de out. 2024.

SANTOS, D. K.; LAGO, M. C. S. **Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice**: narrativas de si. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, v. 15, 2013, p. 113-47. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psup/a/4vRNRZY9M5HjcJq4YPdVbBM/?format=pdf>. Acesso em: 08 de out. de 2024.

SANTOS, J. V. O.; ARAÚJO, L. F.; NEGREIROS, F. **Atitudes e estereótipos em relação a velhice lgbt**. *Interdisciplinar*, São Cristóvão, v. 29, 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/9624/7457>. Acesso em: 06 fev. 2025.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A epistemologia do armário**. Campinas, Cadernos Pagu, 2007, p.19-54. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644794>. Acesso em: 06 fev. 2025.

SILVA, Tomaz Tadeu da, *et al.* **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SIMÕES, Júlio Assis. **Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo**. SESC-GETT, São Paulo, 2006 p.17. Disponível em: https://issuu.com/sescsp/docs/316_-_7600f07a-4b9c-4bea-9477-9388c2476f98-2016-06. Acesso em: 08 out 2024.

SIMÕES, Júlio Assis. **Homossexualidade masculina e curso da vida**: pensando idades e identidades sexuais. In: CARRARA, Sérgio; GREGORI, Maria Filomena; PISCITELLI, Adriana (Org.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 441-447.

SOUSA, M. J. A.; MOLEIRO, C. M. M. **Homens gays com deficiência congênita e/ou adquirida, física e/ou sensorial: duplo-fardo social**. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, v. 20, p. 72-90, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/280840711>. Acesso em: 08 de out de 2024.

TEIXEIRA, Duda. **O calcanhar de aquiles e outras histórias curiosas sobre a Grécia Antiga**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2007, p.224.

TIRELLI, C. **Consumo de entretenimento noturno por casais gays**. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, p. 79-94, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pca/article/view/10998/7793>. Acesso em: 08 out 2024.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

TÓTORA, Silvana. **Apontamentos para uma ética do envelhecimento**. *Revista Kairós*, São Paulo, 2008, p.21-38. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2933/293328993006.pdf>. Acesso em: 08 de out de 2024.

TREVISAN, João Silvério. **Interlúdio em san vicente**: testamento de Jônatas deixado a David. Brasiliense, São Paulo, 1976.

VENCATO, Anna Paula. **Confusões e estereótipos**: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros. *Cadernos AEL: Homossexualidade, Sociedade, Movimento e Lutas*. Campinas, UNICAMP / IFCH / AEL, v. 10, n.18/19, 2003, p. 185-218. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/ael/article/view/2513/1923>. Acesso em: 08 out 2024.

VERAS, Renato Peixoto. **Terceira idade**: desafios para o terceiro milênio. Rio de Janeiro: Relume Dumará: UNAT/UERS, 1997. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/36407/LITERATURA%2C%20VELHICE%20E%20PRODUÇÃO%20ESCRITURÍSTICA%20-%20ANAI%20DE%20EVENTO%20I%20COLÓQUIO%20INT.%20DE%20HISTÓRIA%20GT%202%202008.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 out 2024.

VILLAS-BOAS, Susana; OLIVEIRA, Albertina Lima; Ramos, Natália; Montero, Inmaculada. **A educação intergeracional no quadro da educação ao longo da vida. Desafios intergeracionais, sociais e pedagógicos**. Invest Educ. 2016, p. 117-41. Disponível em: [file:///C:/Users/vinlh/Downloads/document63dbafb5d363b%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/vinlh/Downloads/document63dbafb5d363b%20(1).pdf). Acesso em: 08 de out de 2024.